

contraponto

JORNAL LABORATÓRIO DO CURSO DE JORNALISMO
Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes - PUC-SP



GUERRA NA UCRÂNIA

Entenda como o conflito impacta a geopolítica, economia e mídia mundial

Editorial

Um voto pelo futuro da humanidade

Enquanto o novo relatório do Painel do Clima da ONU alerta para a necessidade de ações efetivas e rápidas para a contenção de tragédias decorrentes das mudanças do clima, discursos e mais discursos de lideranças mundiais e ativistas, parecem na prática, não surtirem efeito. E quando as maiores economias se mostram incapazes de agir a curto prazo para reverter o caminho rumo ao precipício, porque dependem de uma cadeia da qual não dispõem, o Brasil atua da pior forma possível, mesmo tendo o papel mais fácil: **apenas não desmatar**. É a grande contribuição que o país pode dar aos demais.

O desmatamento é associado à agricultura e criação de gado, emitindo metano, e o uso da terra, de fertilizantes e maquinarias, de forma altamente predatória. Países da UE, EUA e mesmo China, que têm dificuldade de reduzirem suas emissões, olham para esse país aqui, e vêem que a única coisa que custaria era pôr polícia e ter vergonha na cara.

Por aqui, a política do “Passar a Boiada” existe há décadas, mas foi escancarada e institucionalizada pelo Governo Bolsonaro, como exposto em diversas investigações, reportagens e comprovada pela divulgação daquela reunião ministerial em que o então Ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles (22/04/2020) enalteceu a pandemia para dar continuidade à devastação ambiental.

Este governo anormal, de grileiros, garimpo ilegal e miliciano, está eximindo nossos ecossistemas enquanto demais nações nos assistem alarmados. E mesmo que governos passados, em maior ou menor medida podem ter sido mais competentes ou não, nosso (des)governo se porta com postura de saque e destruição. Por isso, dependemos crucialmente das próximas eleições.

Proporcionalmente à luta e apelo da juventude pelo cuidado ambiental e por um futuro possível, é preciso que façamos algo. Aqui, o nosso futuro, o da Amazônia e Pantanal – e o da Terra – está em nossas mãos e precisamos defini-lo de uma vez por todas nas urnas, principalmente com os mais jovens. Já sabemos quem é capaz ou não de reverter o atual cenário ambiental do país, e quem é responsável por aniquilá-lo. Basta estarmos atentos e votarmos.

PUC PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP)

Reitora Maria Amalia Pie Abib Andery
Pró-Reitor de Pós-Graduação Márcio Alves da Fonseca
Pró-Reitora de Graduação Alexandra Fogli Serpa Geraldini
Pró-Reitora de Planejamento, Desenvolvimento e Gestão Marcia Flaire Pedroza
Pró-Reitora de Educação Continuada Profa. Dra. Altair Cadrobbi Pupo
Pró-reitora de Cultura e Relações Comunitárias Profa. Dra. Monica de Melo
Chefe de Gabinete Mariangela Belfiore Wanderley

FACULDADE DE FILOSOFIA, COMUNICAÇÃO, LETRAS E ARTES (FAFICLA)

Diretora Angela Brambillia P. Lessa
Diretor Adjunto Fabio Cypriano
Chefe do Departamento de Comunicação MiSake Tanaka
Vice-chefe do Departamento de Comunicação Mauro Peron
Coordenador do Curso de Jornalismo Diogo de Hollanda
Vice-coordenadora do Curso de Jornalismo Maria Angela di Sessa

EXPEDIENTE CONTRAPONTO

Editora Responsável Anna Flávia Feldmann
Editora-assistente Ligia de Toledo Saicali
Secretaria de Redação Rafaela Reis Serra
Fotografia Sarah Catherine Camara de Seles
Mídias Sociais Ramon Baratella

Editorias

Ambiental Camilo Mota	Educação Andre Nunes
Cidades Sarah Catherine Camara de Seles	Esportes Maria Sofia Aguiar
Comportamento Gabriela Costa	Internacional Manuela Nicotero Pestana
Cultura Tabitha Ramalho	Moda Malu Marinho
Direitos Humanos Danilo Zelic	Política Hadass Leventhal

Revisão Carlos Gonçalves, Enrico Souto, Gabriel Porfirio Brito, Gabriela Costa, Isabela Mendes, Isabella Pugliese Vellani, João Curi, Laura Mariano, Manuela Nicotero Pestana, Sabrina Alvares, Maria Sofia Aguiar e Victoria Nogueira

Comitê Laboratorial Cristiano Burmester, Fabio Cypriano, José Arbex Jr., Maria Angela Di Sessa e Pollyana Ferrari

Ombudsman Rute Pina

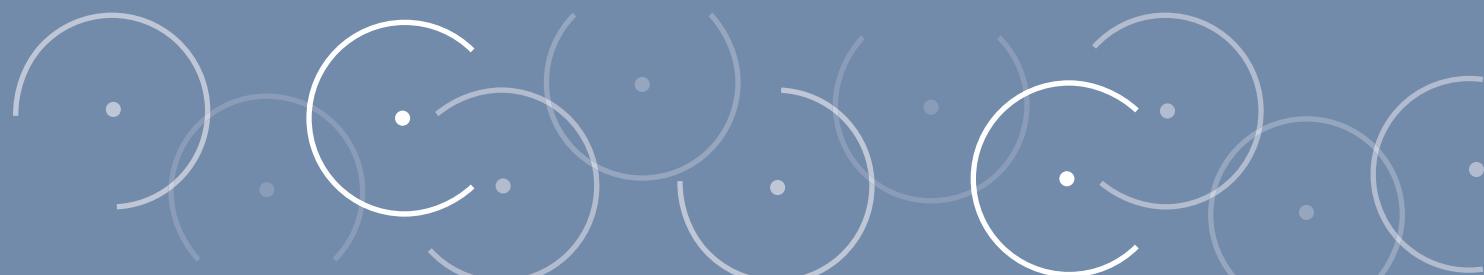
Foto da capa Yan Boechat

Projeto e diagramação Alline Bullara

Contraponto é o jornal-laboratório do curso de Jornalismo da PUC-SP.

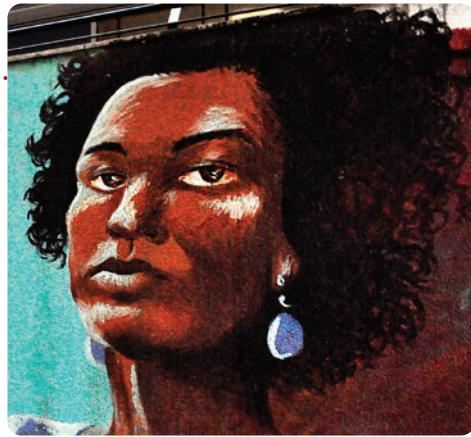
Rua Monte Alegre 984 – Perdizes
CEP 05014-901 – São Paulo-SP
Fone (11) 3670-8205

Ed. Número 131 – Abril/Maio de 2022



Política

Retorno presencial em 2022: os primeiros meses de aulas na PUC-SP	4
O abandono da população de rua e o descaso com seus direitos básicos	5
A luta dos povos originários no Brasil	6
Quatro anos sem respostas: quem mandou matar Marielle?	8
Outras Marielles: o legado de ativistas assassinadas permanece	9
Cem Anos de Mulheres na Política – A Batalha Não Acabou	10
Criofascismo: sinais escondidos na extrema-direita	12



© Evelyn Fagundes



© Montagem: Camilo Mota

Internacional

Guerra Ucrânia x Rússia: antecedentes e parcialidade da imprensa hegemônica.....	14
Relato de um estudante: a vida durante o conflito	17

Ambiental

Sobrevivência da humanidade exige mais do que discursos	13
---	----

Economia

Petrobras a preço de dólar	18
----------------------------------	----

© Reprodução



Cultura e comportamento

O purista e discriminatório conservadorismo geek	23
A Elitização no Carnaval de 22	24
O “hype” dos filmes de heróis que alcança adultos, crianças e a academia de cinema.....	26
A dublagem como democratização do acesso ao entretenimento	27
A visibilidade do cinema nacional na cinematografia mundial	28

Moda

Um tributo aos ícones da alta costura	19
Quando as costuras aprisionam	20
A cintura baixa é um agente gordofóbico ou o preconceito está nos olhos de quem vê?	22



© Marcello Casal Jr./Agência Brasil

Esportes

FIFA e UEFA tomam medidas contra a Federação Russa após início de conflitos armados.....	30
Discurso de ódio no futebol: passamos do limite?	32
O mundo dos criadores de conteúdo futebolístico	34
Vespas bike gang, o pedal das minas	36

Retorno presencial em 2022: os primeiros meses de aulas na PUC-SP

Reencontro da comunidade, campanha #PUCSEMFOOME, insegurança, fake news e boatos marcam a volta ao campus

Por Danilo Zelic, Fabiana Caminha e
Isabel Bartolomeu

Junto à Consultoria Sírio-Libanês, a PUC-SP criou medidas e apresentou recomendações para a volta às aulas presenciais. Uma delas diz respeito ao fechamento dos refeitórios, como o bandejão, espaço frequentado por grande parte dos discentes.

Segundo Giovana Angelone, estudante de Arte: História, Crítica e Curadoria e militante do Coletivo Da Ponte pra Cá, a comunicação entre os alunos e a instituição sobre suas demandas e necessidades não resultou em um posicionamento diferente daquele pré-estabelecido.

Por conta disso, o Coletivo Da Ponte Pra Cá – Frente Organizada de Bolsistas da PUC-SP, junto a outras organizações estudantis, criou a campanha "#PUCSEMFOOME, pela volta do bandejão e a extensão da gratuidade para estudantes do FIES". Após pressão por meio da campanha, a resposta institucional foi a entrega de marmitas para alunos bolsistas.

A aluna do mesmo curso, Carla Gil, destaca a importância do espaço para toda a comunidade acadêmica. "Afeta todo mundo: todo mundo precisa de um refeitório acessível. O bandejão também é um fator muito importante, porque é uma opção de uma alimentação mais barata e acessível para o nosso cotidiano", afirma.

As duas interpretam a resposta da PUC-SP como positiva, porém, indicam que a solução foi efetuada às pressas. Para Angelone, a entrega das marmitas foi "extremamente limitada". Diz que "há escassez de alimentos provocada logo nas primeiras horas de entrega do almoço e uma falta de organização das filas".

Na opinião de Gil, o espaço deveria retomar de forma integral. "Atendendo os alunos do FIES e vendendo as marmitas para os alunos não bolsistas, porque esses alunos também precisam da opção de comer na faculdade e por um preço mais barato", afirma.

Outro problema no início do ano letivo foi o relato de casos de violência dentro e fora da Universidade, o que gerou um clima de insegurança entre os alunos. Com isso, voltou à tona o debate sobre a instalação de catracas nas entradas do campus com o intuito de aumentar a segurança.

"A PUC possui um histórico de lutas e progressismo gigantesco, que não pode ser invalidado pela má gestão de políticas públicas nos arredores da Universidade", disse Daniela Oliveira, representante do Centro Acadêmico de Jornalismo, Benevides Paixão.

Segundo ela, "a violência é um problema social e a resolução vai muito além de impedir que diferentes pessoas tenham acesso ao campus". Daniela ainda pontua que "isso tornaria a universidade ainda mais excludente".

Andrea Mendes, aluna bolsista de Direito e integrante do Centro Acadêmico 22 de Agosto, se posiciona contra a ideia. "Não existe outra ferramenta para a transformação da sociedade senão a educação e eu sou a prova disso, tal como tantos outros alunos bolsistas desta Universidade. Os muros que cercam a educação devem ser extintos, não incentivados".

Para a estudante de Ciências Sociais e integrante do Movimento por uma Universidade Popular (MUP), Fernanda Carpenter, "é sabido que essas medidas são baseadas na criação de 'perfis criminosos' que colocam a juventude negra e pobre como alvo".

De acordo com Carpenter, a solução viria através da construção de redes de solidariedade entre estudantes para a garantia da segurança. É o que tem sido feito por meio de grupos que se organizam para saírem juntos do campus a fim de evitar furtos, por exemplo.

Dos casos internos, foram relatadas a presença de adolescentes que estavam vendendo bala de maneira – aparentemente – agressiva e de alguém estranho – supostamente de fora da Universidade – que estava abordando as alunas. Nenhum dos casos chegaram diretamente à Pró-Reitoria.

Juntamente com os relatos das vítimas, circulam notícias alarmistas e tendenciosas. A desinformação, muitas vezes, é reproduzida além dos grupos de WhatsApp, como em páginas do Instagram. Foi o caso do Spotted, que divulgou boatos falsos a respeito de assaltos à mão armada.

O Benevides Paixão se colocou contra a propagação das fake news e reiterou a importância da checagem dos fatos e do compromisso com a verdade. "Não podemos ser passivos com a veiculação de informações falsas, principalmente quando acontecem dentro da nossa própria Universidade", ressalta a representante do Centro Acadêmico.

É importante lembrar que a universidade possui o PUC CHECK, projeto laboratorial de combate à desinformação produzido por estudantes de jornalismo e orientado pela professora Pollyana Ferrari. A equipe criou um manual para ajudar no combate à desinformação, disponível no site do projeto.

São recomendações da Pró-CRC para a manutenção da segurança externa e interna da comunidade: o registro do Boletim de Ocorrência, recorrer ao Programa de Atendimento Comunitário (PAC) e aos funcionários da Direção do Campus, que estão abertos e disponíveis para o acolhimento e a orientação das vítimas.

Na reunião, a Pró-Reitoria ressaltou também a importância da colaboração de todos para que a política de segurança e outras ações sejam efetivamente aplicadas através dos casos e dados levantados.

Em nota enviada ao **Contraponto**, a Pró-CRC reafirma que "sobre a questão da segurança no entorno do campus Monte Alegre, informamos que houve denúncias nas redes sociais sobre furtos e roubos na região e estamos recebendo relatos da comunidade".

"A Universidade está em contato com a Polícia Militar para obter mais informações e já solicitou um reforço no policiamento preventivo, bem como orientou seus agentes para controlar o acesso e a permanência nos campi de não-membros de sua comunidade", completa a nota.



Divulgação do evento "Reencontro 2022"

No dia 24 de março, a Pró-Reitoria de Cultura e Relações Comunitárias (Pró-CRC) discutiu, em reunião aberta com a comunidade puquiana, a segurança no entorno da PUC-SP e as ações e medidas internas em relação ao tema.

De acordo com a Pró-Reitora e a professora Mônica de Melo, foram apresentados à Pró-CRC quatro casos externos de alunos que registraram boletim de ocorrência, sendo dois furtos, um roubo de celular e uma clonagem de cartão.

O abandono da população de rua e o descaso com seus direitos básicos

Diante da pandemia, o aumento do número de pessoas em situação de rua escancara a negligência social e política em São Paulo

Por Guilherme Nazareth, Malu Araujo e Yasmin Solon



© Reprodução: Fábio Vieira/Estadão

A pandemia refletiu em vários segmentos da sociedade, principalmente, no socioeconômico. Segundo o censo divulgado pela prefeitura de São Paulo, em janeiro deste ano, 31.884 pessoas estão vivendo em situação de rua, além do crescimento de moradias improvisadas e do aumento da população feminina e infantil. Embora, o perfil majoritário é de homens, pretos ou pardos, de meia idade, naturais de outros estados e alfabetizados.

A fim de minimizar essa situação, a prefeitura criou novos centros de acolhida em pontos críticos, como na Mooca, e centros especiais, que são direcionados aos idosos, às mulheres, à comunidade LGBTQIA+ e aos catadores. Houve, nesses centros, um aumento de 80% da ocupação das vagas depois da pandemia. Esses locais prometem conforto para dormir, alimentação completa, capacitação profissional e têm como princípio receber moradores de rua encaminhados de locais próximos.

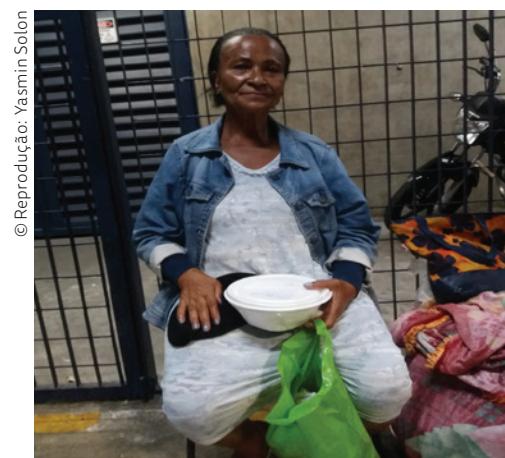
Entretanto, segundo alguns entrevistados na região do Jabaquara, a realidade desses centros é controversa. Marcos de Antônio Araújo, 47, ao ser questionado sobre as condições, respondeu: "Péssimo, péssimo, péssimo. Tem comida, televisão, mas tudo que você usa no corpo, no dia seguinte, está cheio de bola, piolho, muquirana. E ainda disseram que era um centro modelo. Que modelo é esse?".

Já César Augusto Dias comentou: "A prefeitura é só de fachada. Uma vez, eu liguei pro 156, era 20h. Foram me buscar às 02h. Me levaram do Jabaquara pro Brás. Cheguei lá, não tinha comida, nada, só era pra deitar e dormir. Pra deitar e dormir eu fico na rua. Fico inseguro com esse

albergue que tem aqui. Um cara matou o outro lá dentro, então eu prefiro ficar aqui".

Todos os entrevistados afirmaram se sentirem mais acolhidos por iniciativas privadas, entidades religiosas e organizações não governamentais (ONGs) do que pelas do poder público. As causas que os levaram às ruas foram desemprego, perda de renda durante a pandemia, conflitos familiares e dependência química.

Dentro desse cenário, o Movimento Nacional da População de Rua – MNPR, criado por volta de 2001, foi um marco primordial para discutir projetos e políticas públicas que trabalhassem em cima das reais necessidades enfrentadas pela população de rua. Em entrevista concedida ao **Contraponto**, o antropólogo Tomás Melo explica que "quando ocorre o ataque na praça da Sé, surge a necessidade de um movimento com maior corpo para trazer pautas encampadas não por outras organizações, mas pelos próprios agentes e sujeitos moradores de rua, para criação de uma agenda pública".



Atualmente, no Brasil, existem políticas públicas que, por meio do MNPR, estruturaram a pauta sobre questões fundamentais para os moradores de rua, como o Centro POP (Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua), o CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) e o Cadastro Único. "A grande virada é quando essas pessoas começam a entrar na arena pública, dizendo: 'Olha, vocês aí que são domiciliados e pensam políticas públicas para a gente, vocês não sabem nossas reais necessidades. Vocês precisam escutar para que essas políticas sejam efetivas, para que consigam entender nossas particularidades e o que a gente precisa'", completa o antropólogo.

Um dos problemas enfrentados pela população de rua é a falta de ações de mesmo sentido entre as lideranças dos cargos públicos. Tomás ressalta que "enquanto tem uma pessoa pensando em uma política humanizada, do outro lado há um governador com outra perspectiva, que 'atropela tudo o que estava sendo feito'."

Para o antropólogo, o ponto para pensar a atuação do governo nesses anos de melhorias e entraves é que "há experiências que são extremamente interessantes e políticas que são extremamente violadoras e tudo isso está acontecendo ao mesmo tempo. Existem várias disputas, entre vários setores e interesses".

Frente a esse fenômeno social que vem aumentando, a população pode exercer papel fundamental para reverter essa situação. Para o especilista mesmo que não seja agradável para ninguém ver outros em situação de rua, as pessoas se acostumaram, naturalizaram, ao passo que presenciam essas cenas desde quando eram crianças. Diante dessa questão, Melo afirma que "a gente precisa combater essa cultura, de modo a desnaturalizar essa ideia, de forma que isso cause incômodo a todos e que se torne também a responsabilidade de todos resolver essa questão".

Soma-se a isso o pensamento enraizado na população do "cada um por si", ou seja, que é dever único do cidadão garantir sua moradia. "Não se trata e nunca se tratou de uma questão de recursos. Trata-se de uma mentalidade de que o acesso à moradia é responsabilidade de cada um", afirmou Tomás, que também conclui que a alimentação, manutenção do emprego e da família seriam melhor organizados pelos próprios moradores de rua.

Maria Pereira da Silva, 76, foi uma das entrevistadas pelo CP

A luta dos povos originários no Brasil

Uma contextualização do ativismo histórico e suas batalhas durante a pandemia da Covid-19

Por Ana Beatriz de Souza Assis, Laís Bonfim, Maria Clara Alcântara e Murari Vitorino

A pandemia afetou a dinâmica da vida de milhões de pessoas, porém, grupos sociais específicos sentiram seus impactos de forma mais abrupta que outros. Os povos indígenas, população que já carregava descaso social vindo do governo, viram seus problemas se intensificarem cada vez mais com a chegada do vírus em suas comunidades. Além da preocupação com a saúde dos seus, os nativos que tinham o artesanato como fonte de renda tiveram que encontrar outras soluções para gerar receita.

A população indígena do Brasil diminui drasticamente desde a chegada dos portugueses em seu território. De acordo com o IBGE, há 896,9 mil indígenas no país, o equivalente a 29,9% da população estimada para 1500. Essa diminuição se deu por conta da colonização, quando ocorreu genocídio.

Essa realidade não mudou. Durante a ditadura, os militares perseguiram muitas minorias, e os povos indígenas não foram uma exceção. Com a implantação do Plano de Integração Nacional (PIN), cujo objetivo era expandir as fronteiras internas do país, a prática resultou em assassinatos, prisões e perseguições às populações indígenas que reivindicavam seus territórios.

O atual presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, é favorável à banca da ruralista, principal grupo contrário à demarcação de terras indígenas. Ele já fez duras críticas à população e aprovou leis que favorecem o agronegócio, além de demonstrar seu ódio por meio de frases que ferem a dignidade e identidade dessa parcela da população. Em pronunciamento sobre o marco temporal, em setembro de 2021, Bolsonaro disse que “se passar a existir, será um duro golpe no nosso agronegócio”.

Com o surgimento do coronavírus, os ataques indiretos aos povos originários aumentaram. Em março de 2020, a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) suspendeu as ações assistenciais, aumentando a desnutrição e, consequentemente, a vulnerabilidade ao vírus. No mesmo mês, a fundação restringiu o acesso às terras indígenas, mas não garantiu a proteção contra invasores, sendo que dezenas de terras sofrem com invasões de garimpeiros e madeireiros.

O plano de combate à Covid montado pela Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) não detalhou ações necessárias ao contexto específico das populações



© apublica.org

O enfrentamento do coronavírus pelos indígenas no Brasil

indígenas. Essas ações deixam esses povos sem auxílio para o combate à Covid-19, fazendo com que eles se tornassem mais vulneráveis ao vírus.

“Raras são as exceções em que as comunidades têm uma infraestrutura, com poços artesianos, água potável e saneamento básico. Na maioria dos casos, as comunidades estão situadas em regiões degradadas, em que as águas que eles têm acesso são águas de córregos ou de rios que estão evidentemente contaminados, poluídos”, alega Roberto Liebgott, indigenista e coordenador do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), em entrevista ao Brasil de Fato.

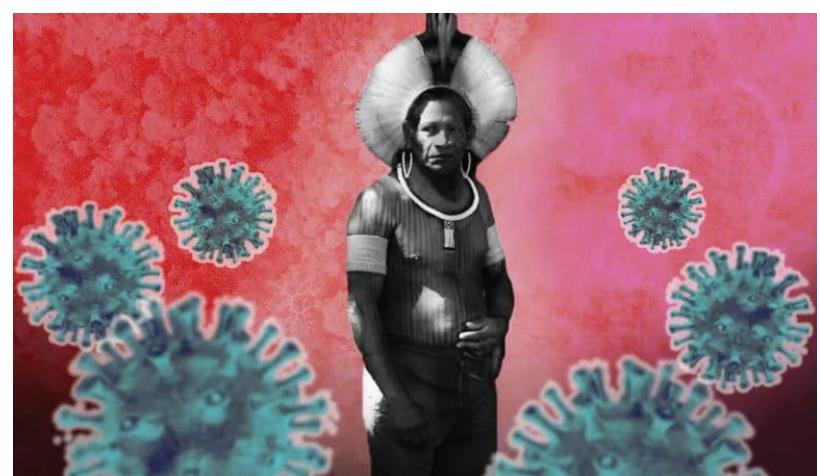
No ano de 2020, a FUNAI cortou as cestas básicas em comunidades, aumentando a propensão para se infectarem. Além disso, a SESAI falhou em comunicar as medidas preventivas à população. No mês de abril do mesmo ano, a secretaria admite um informe técnico que orienta

profissionais da saúde a realizarem o tratamento do vírus sem a realização da testagem prévia.

Anteriormente, no dia 25 de março, o primeiro indígena, da tribo Kokoma, foi infectado por um médico da SESA, que voltava de férias e não teve o isolamento social exigido por seus superiores. Em menos de três meses, a comunidade já tinha cerca de 13.801 contaminados e 493 mortos, e mais de 162 povos foram afetados, segundo a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB).

O CIMI aconselha que a melhor prevenção contra o coronavírus é a permanência nas aldeias. “Nessa luta, valoriza-se o conhecimento tradicional dessas comunidades. Alguns indígenas estão utilizando remédios naturais e tradicionais dos seus territórios, demonstrando a força dos conhecimentos ancestrais e da etnobiodiversidade”, cita Marcos Mondardo, em pesquisa no CEG (Centro de Pesquisas

Povos originários em meio ao vírus



© apublica.org

Geográficas) no ano de 2020, denotando como os próprios povos administraram suas tribos ao seu modo. “Toda essa destruição não é nossa marca, é a pegada dos brancos, o rastro de vocês na terra”, diz Davi Kopenawa Yanomami, no livro “Povos Indígenas no Brasil”. Não é novidade a propagação de doenças para com os indígenas vinda de povos de fora. A história do Brasil é marcada por mortes causadas por doenças trazidas pelos europeus.

Segundo a SESAI, no boletim epidemiológico atualizado neste mês, o total de mortes por Covid-19 entre a população nativa é de 901. Entretanto, o Comitê Nacional de Vida e Memória Indígena, criado pela APIB, divulgou um total de 1296 mortes, contabilizando o total revelado pela SASAI e dados apurados de forma autônoma.

A discrepância entre um dado e outro é um reflexo das negligências com a populações indígenas que as instituições governamentais alimentam. A última atualização feita nos dados da SESAI, de acordo com o Brasil de Fato, ocorreu em 2010, junto ao censo daquele ano.

Pela mesma razão, ocorreu, também, o fim da demarcação de terras no Brasil, o apoio das atividades ilegais em terras demarcadas, a redução do dinheiro utilizado para o enfrentamento emergencial da Covid pela Fundação Nacional Indígena e a redução do programa “Mais médicos”, que, mesmo realizada antes da pandemia, gerou consequências no enfrentamento do vírus junto das demais medidas.

Por conta dessas negligências e outras, como o programa de vacinação, que excluía 500 mil nativos em situações de vulnerabilidade nos espaços urbanos, os povos originários precisaram se organizar sozinhos. Entre estratégias de sobrevivência, os Kuikuro foram bem-sucedidos. Localizados no Xingu, eles extinguiram a doença em março de 2021 por meio do lockdown e uma “vaquinha”, que serviu para comprar remédios com base científica, passando por essa fase com 0 mortes e 160 infectados.

Sem nenhuma espécie de proteção, diversas tribos espalhadas pelo Brasil são expostas a uma situação financeira avassaladora que só vem se intensificando durante o governo regente. Os problemas causados por uma sociedade neoliberal, que glorifica as ações dos latifundiários e os protegem na justiça, coloca em risco a existência de tais comunidades, com terras férteis para plantio e garimpo.

Os impactos do garimpo ilegal recaem para as mulheres, que ficam vulneráveis a abusos psicológicos e sexuais. Em uma

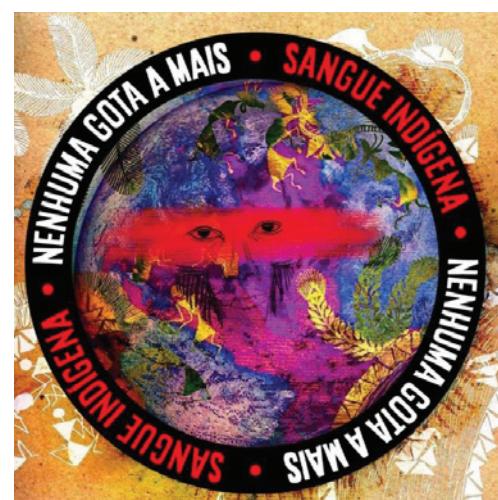
Panorama geral da Covid-19

Confirmados	Indígenas mortos pela Covid-19	Povos afetados
70286	1296	162

* Os números de casos confirmados e casos de óbitos apresentados representam o total de dados informados pela SESAI e apurados pelo Comitê Nacional de Vida e Memória Indígena.

declaração ao Brasil de Fato, a coordenadora da União das Mulheres Indígenas da Amazônia Brasileira (UMIAB) disse que “as mulheres são as mais impactadas pelo garimpo porque as violências dos invasores deixam elas depressivas. Elas têm medo, ficam traumatizadas”. Sendo assim, além da contaminação pelo mercúrio, as indígenas sofrem com a misoginia e abusos sexuais.

Portanto, como uma forma de resistência, uma mobilização vem ocorrendo entre as tribos, fortalecida desde 2020 através da internet – vide o evento organizado pela APIB, o Acampamento Terra Livre, realizado online. Esse espaço aproxima diversas comunidades de povos distintos, reunindo-os para discutir e se reorganizar perante o governo genocida que os negligencia direitos básicos, criando uma rede de denúncias e uma forma de manter o diálogo aberto, delatando os crimes cometidos contra eles.



Cartaz da manifestação de 2019, que expressa a insatisfação com a paralisação da demarcação

Através de diversas organizações, como o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST), Instituto Socioambiental (ISA) ou a Federação das Organizações Sindicalistas Revolucionárias do Brasil (FOB), estas comunidades vêm sendo mantidas por doações e pela distribuição de cestas básicas.

A procura por autossustentabilidade é a forma que as comunidades têm

usado como utensílio de sobrevivência. Um exemplo são as medidas tomadas pelas tribos Guarani e Kaiowá, no Mato Grosso do Sul: foram levantadas barreiras com tendas para manter a circulação de não nativos fora das terras indígenas, a cultivação de ervas, como o urucum e o cedro, com intuito medicinal tradicional, a confecção de máscaras por organizações de mulheres nativas, campanhas de solidariedade por meio de financiamento coletivo, além de denúncias de violência e violações de direitos humanos devido à precariedade da saúde indígena.

Outro exemplo interessante a ressaltar é encontrado no Mato Grosso. O povo Kuikuro, da aldeia Ipatse, contratou uma médica e um enfermeiro, com dinheiro arrecadado por doações, para cuidar pessoalmente dos casos de Covid-19. Uma grande oca foi levantada para o tratamento dos infectados, com o equipamento devido, além de ornar o tratamento espiritual local com a medicina moderna. A médica também realizou diversos tratamentos à distância através da telemedicina para demais afetados da mesma etnia.

A contaminação desses povos ocorreu, principalmente, em razão das rodovias que atravessam terras protegidas. Por essa razão, no estado do Pará, o povo Kayapó bloqueou a rodovia 163 – uma das principais rotas de transporte de soja e milho – durante três dias consecutivos, reivindicando a saída dos madeireiros e mineradores de suas terras.

Através da APIB os povos nativos lutam na justiça incansavelmente pela implementação de um plano emergencial digno da gravidade da situação. No dia 31 de agosto de 2020, foi acatado parcialmente o Plano Emergencial, que implementou barreiras sanitárias àqueles que julgavam em situação de maior risco: Vale do Javari, Yanomami, Uru Eu Wau Wau e Arariboia.

Em decorrência das ações nocivas da gestão atual do governo referentes à população indígena, da banalização da situação de risco e dos direitos sendo revogados diariamente, a pandemia serviu para intensificar a gravidade da situação, fazendo com que o embate, que já era violento, se tornasse uma batalha ainda mais necessária.

Quatro anos sem respostas: quem mandou matar Marielle?

Familiares e amigos seguem sem saber quem foi o mandante do assassinato de Marielle Franco e Anderson Gomes



© Evelyn Fagundes

Grafite da artista Ju Costa que preenche a parede externa do primeiro andar do prédio ERBM na PUC-SP.

A arte é possível ser vista da escadaria da prainha.

Por Evelyn Fagundes, Laura Martins e Lídia Rodrigues

Em entrevista para o **Contraponto**, a vereadora e historiadora Dani Portela (PSOL), que está no cargo desde 2020, na capital pernambucana, Recife, discorreu sobre o assassinato e a memória de Marielle Franco. Para ela, a morte da carioca foi um crime político: “a grande pergunta que seguimos nos fazendo é quem mandou matar Marielle e Anderson? Sabemos que uma vereadora que fazia o enfrentamento ao esquema de poder das milícias geraria um incômodo a ponto de a quererem tirá-la dali.”, defendeu Dani.

Os questionamentos levantados pela vereadora parecem estar longe de uma conclusão. As investigações apuraram os ex-PMs Ronnie Lessa e Élcio de Queiroz como os principais suspeitos pelo assassinato. Ambos foram presos em 2019 e devem ir a júri popular, sem data definida. Durante as buscas, a polícia afirmou que o veículo envolvido no crime nunca mais foi visto. Já as balas utilizadas eram do mesmo lote usado na chacina em Barueri e Osasco, na Grande São Paulo, no ano de 2015. Os artefatos foram vendidos para a Polícia Federal de Brasília em 2006, porém a arma usada no assassinato não foi encontrada.

Dani Portela luta pela introdução do “Dia Marielle Franco de Enfrentamento

à Violência Política contra Mulheres Negras, LGBTQIA+ e Periféricas” na legislação do Recife. No entanto, a ideia não foi bem aceita pela bancada da oposição: “Foi articulada uma saída em massa para que não houvesse quórum para a votação do projeto”, pontuou a ativista. Em segundo momento, a vereadora conservadora Michelle Collins (PP) quis substituir o nome de Marielle do projeto pelo nome de Júlia Santiago, ativista política da década de 40. Essa atitude de Michelle fez com que Portela levantasse a indagação: “a quem interessa apagar a memória de Marielle Franco? A quem interessa abafar um feminicídio político que marcou a história recente do Brasil?”

Após quatro anos da execução, o nome da vereadora executada continua sendo lembrado em festivais e manifestações. Dani Portela, conhecida como “Mulher da Flor”, se orgulha desse apelido, afirmando que cada flor carrega uma semente. **Como Marielle, ela deseja espalhar as sementes da esperança, assim como fez a vereadora em seu mandato, que hoje é símbolo de resistência.** “As dificuldades me dão ainda mais força para lutar pela promoção de uma cidade melhor para todas e todos. Não daremos mais nenhum passo atrás!”, concluiu a historiadora.

Mulher negra, lésbica, vereadora em prol dos direitos humanos, nascida e criada no Morro da Maré, no Rio de Janeiro, Marielle Franco foi brutalmente assassinada a tiros no dia 14 de março de 2018, deixando um legado importante para o ativismo brasileiro. Em sua trajetória, trabalhou em organizações da sociedade civil como Brasil Foundation e Centro de Ações Solidárias da Maré; coordenou a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj) e colaborou com os movimentos feministas, negros, periféricos e da comunidade LGBTQIA+, sendo um exemplo de força e resistência a muitas pessoas, principalmente mulheres.

Outras Marielles: o legado de ativistas assassinadas permanece

Jane, Francisca e Madalena: mulheres mortas se tornam parte de estatísticas

Por Enrico Souto e Gabriela Costa

Desde 2018, "Marielle, presente!" é um grito recorrente distintas manifestações, independente do motivo pelo qual acontecem. O legado da vereadora, assassinada em 14 de março de 2018, ecoa e permanece vivo até hoje.



© Amazônia Real

Outras heranças tão importantes quanto, entretanto, passam despercebidas. De acordo com um relatório do Alto Comissariado da ONU para Direitos Humanos, entre 2013 e 2019, 174 brasileiros que lutam por direitos de minorias foram

executados. O número revela que um ativista foi assassinado a cada oito dias, o que torna o país responsável por 10% das mortes de líderes no mundo todo. São muitas "Marielles" que também merecem ser lembradas.

Jane Julia, presente!

Em 24 de maio de 2017, o sul do Pará foi palco de uma das maiores tragédias por conflito de terras. O acampamento Nova Vida tinha se estabelecido na Fazenda Santa Lúcia, uma área que durante quatro anos estava sendo cotada para reforma agrária.

Naquela manhã, barulhos de carros estacionando acordaram dois moradores do acampamento. Eles alertaram todos a correr para o meio do mato e ficarem escondidos. A líder do acampamento, Jane Júlia, acreditou que os policiais não iriam procurá-los na chuva, mas estava errada.

No Massacre de Pau D'Arco, dez pessoas foram mortas: Hércules Santos Oliveira, Ronaldo Pereira de Souza, Antônio Pereira Milhomem, Bruno Henrique Pereira Gomes, Regivaldo Pereira da Silva, Wedson Pereira da Silva Milhomem, Nelson Souza Milhomem, Clebson Pereira Milhomem, Oseir Rodrigues da Silva e Jane Júlia de Oliveira.

Apenas duas testemunhas sobreviveram: uma não quis se identificar com medo de retaliações, a outra, Fernando dos Santos Araújo, foi morto em 2021 com um tiro na nuca. Em entrevista ao Brasil de Fato, um deles contou que Jane foi espancada, levou um tiro na canela esquerda e mais sete nas costas.

A outra testemunha complementou: "ela ficou sentada, [...] lembro que falavam 'levanta para morrer velha safada, velha vagabunda, cachorra'. Xingavam de vários nomes e ao mesmo tempo sorriam e atiravam."

Mais tarde, as investigações, que resultaram em 16 réus ainda não condenados, descobriram que Jane estava sendo ameaçada por Valdivino Miranda da Silva Júnior, titular da Delegacia de Conflitos Agrários (DECA).

O acampamento Nova Vida tornou-se "Acampamento Jane Júlia", em homenagem à líder que resistiu bravamente com a ocupação, que ainda aguarda a justiça ser feita.

O **Contraponto** entrou em contato com diversos movimentos sociais da região, mas nenhum deles conhecia a história de Jane ou de seus companheiros. Sua história de resistência não pode ser esquecida. Jane Julia, presente!



© Reprodução/GreenMe

Francisca, presente!

Francisca das Chagas Silva foi, acima de tudo, uma referência de luta. Filha de um assentado da reforma agrária, teve contato com as atividades do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Miranda do Norte – sua cidade natal, no interior do Maranhão – desde cedo. Criada com seus outros quatro irmãos pela mãe, agente comunitária de saúde era conhecida por todos do quilombo Joaquim Maria, local onde cresceu.

Narlene da Conceição, ativista e ex-presidenta do Sindicato, conheceu Francisca por seus pais, que eram amigos. "Ela era um

pouco tímida, mas não deixava de se envolver. Uma mulher participativa, adorava sorrir e dar gargalhadas", conta.

Mais velha, a ativista seguiu os passos do pai e se tornou sócia do Sindicato da cidade. Também participou do Grupo de Estudo Sindical (GES) e se uniu, em 2015, à Marcha das Margaridas, formação sindical de feministas e trabalhadoras rurais, e viajou com o movimento até Brasília, na sua quarta mobilização. Narlene, também uma Margarida, a acompanhou.

Até que, em uma noite de domingo em 1 de fevereiro de 2016, tudo mudou. Francisca compareceu a uma festa na cidade, encontrou alguns amigos e acabou indo embora mais cedo. De acordo com Narlene, "ela parecia estar tranquila, não apresentava sinais de medo ou apreensão".

Na manhã do dia seguinte, Francisca foi encontrada morta, com seu corpo nu sobre a lama, com marcas de estupro, estrangulamento e perfuração. Os moradores locais não se calaram: além da pressão de mais de 4.000 Organizações Sindicais por todo o Brasil, todos formaram manifestações durante meses.

A Secretaria de Segurança Pública do Maranhão foi mobilizada, porém entendeu que não se tratava de um crime político e nenhum culpado foi responsabilizado.

Em um Brasil em que 90% dos ativistas mortos se concentram nas regiões Norte e Nordeste – de acordo com levantamento da Universidade Federal Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) –, ela foi mais uma vítima. Francisca, presente!



© Jornal de Piracicaba

Madalena, presente!

A primeira vereadora travesti da história de Piracicaba, Madalena Leite, foi eleita pela primeira vez em 2012 e, desde então, continuou engajada em sua carreira política. Negra e periférica, ela também era conhecida por sua longa contribuição como líder comunitária na cidade do estado de São Paulo.

Porém, na madrugada de 7 de abril de 2021, aos 64 anos, ela foi encontrada morta em sua casa, com graves lesões na cabeça. Dias depois, em investigação policial, três suspeitos do assassinato foram presos, e a conclusão tomada à época foi que o homicídio teria como motivação desavenças a respeito do centro comunitário. No entanto, o crime nunca foi solucionado.

"Ela não foi eleita por votos de LGBTQIA+, foi eleita por voto da sociedade em geral, por conhecê-la e saber da sua trajetória e da sua importância social para Piracicaba", afirma Jovanna 'Baby' Cardoso, uma das fundadoras do Movimento Nacional de Travestis do Brasil da Associação de Travestis e Liberados (ASTRAL).

A ativista conheceu Madalena em vida e afirmou que sua presença foi um "chute na porta", porque abriu caminhos para outras travestis. "Talvez se Madalena fosse uma mulher branca dentro de qualquer partido, a repercussão e as decisões acerca do crime teriam sido outras". Madalena, presente!

Cem Anos de Mulheres na Política – A Batalha Não Acabou

Luta ainda prevalece após aniversário centenário da primeira entidade política

Por Fernanda Querne,
Isadora Taveira e
Bianca Novais

Há um século florescia o primeiro partido feminino brasileiro. Com o intuito de conquistar a participação das mulheres na política, a Federação Brasileira das Ligas pelo Progresso Feminino (FBPF) foi uma organização fundada em agosto de 1922, visando, primordialmente, o sufrágio universal, o qual foi conquistado dez anos depois.

Na celebração centenária da organização, cabe destacar que existem avanços, retrocessos e estagnações diante da luta pela igualdade de gênero.

Quando se fala sobre o combate ao patriarcado, costuma-se esquecer as mulheres que vieram antes e abriram caminhos nessa batalha.

Bertha Lutz liderava a FBPF, movimento que militava por direitos femininos como a participação política e civil, acesso à educação, presença no mercado de trabalho e outras reivindicações para a equidade de gênero.

Uma das grandes conquistas da luta ocorreu em 1932, com a promulgação do código eleitoral. Foi o momento em que a representação feminina deu um passo à frente e as mulheres conquistaram o direito de votar e serem votadas no Brasil. Embora o direito ao voto tenha sido um enorme avanço feminista, é preciso esclarecer que o movimento era composto, em sua maioria, por mulheres brancas da alta classe média.

Segundo Simone Nascimento, pré-candidata a deputada estadual da Bancada Feminista do PSOL, desde seus primórdios a luta já era segmentada, pois quando o voto feminino foi aprovado, ainda não era garantida a participação política dos analfabetos. “A maioria da população analfabeta no Brasil era negra. Isso significa que a população negra não passou a votar quando o sufrágio avançou no Brasil”.

Ainda que aprecie a conquista, Nascimento adverte que é preciso articular a intersecção entre gênero e raça durante as reflexões sobre as mulheres brasileiras.

Atualmente, de acordo com o estudo realizado pela União Interparlamentar, mesmo compondo 51% da população brasileira, as mulheres representam apenas 15% das cadeiras na Câmara dos Deputados.

Em entrevista ao **Contraponto**, Luana Alves, vereadora em São Paulo pelo PSOL, afirma que as cotas femininas muitas vezes ainda servem como fachada para os partidos. “Eles preferem apostar, por exemplo, naquele carinha que é filho de alguém, que muitas vezes não tem talento nenhum, mas faz parte de uma família importante; homem, branco e hétero, ao invés de apostar em mulheres negras que têm um trabalho real”. A parlamentar também pontua a prática de corrupção pelos partidos com candidatas laranjas como um obstáculo a ser superado.



A repórter Fernanda Querne entrevistando a vereadora Luana Alves (PSOL)

© Isadora Taveira



Isadora Tavieira
em conversa com
Luana Alves

Mulher: substantivo plural

No estatuto da FBPF, o movimento definia suas atividades como “coordenar e orientar os esforços da mulher no sentido de elevar-lhe o nível da cultura e torná-la mais eficiente à atividade social, quer na vida doméstica, quer na vida pública, intelectual e política”, de acordo com o Arquivo Nacional.

Contudo, pode-se retomar que a composição desse partido foi homogênea, pois a primeira parlamentar negra foi suplente do Partido Liberal Catarinense. Antonieta de Barros foi pioneira ao representar negras na política, visando “tornar mais eficiente a vida intelectual” de 65% dos catarinenses, que em 1922 eram analfabetos, segundo o “El País”. Os “esforços da mulher” da FBPF não abrangiam o feminismo negro.

Alves explica a situação de ser preta na política: “A realidade é entender que não é naturalizado na sociedade a mulher negra estar em qualquer espaço de poder ou de tomada de decisão. Mesmo que não represente só a mim mesma, e sim a um coletivo, não cheguei aqui sozinha. Foram muitos e muitas que estão comigo, mas mesmo assim tem muito tensionamento.”

Já Nascimento enfatizou que as negras ainda ocupam só 1% da Câmara dos Deputados: “Somos 56% da população brasileira. Dessa maioria absoluta de pessoas negras no nosso país, 28% são mulheres. Quando se olha para os espaços institucionais, as mulheres negras são minoria. Isso é uma ausência de mobilidade histórica”. A candidata a deputada explica que, no Brasil, o machismo e o racismo fixam as negras num lugar histórico. “Desde a escravidão, as mulheres negras ocupam espaços de servidão.”

Mamãe, falhei

“Fáceis porque são pobres”. Foi isso que o deputado estadual Arthur do Val, também conhecido como “Mamãe Falei”, afirmou. O parlamentar da União Brasil, com discurso focado na segurança pública, soltou a frase sexista em meio à realidade da guerra que ocorre entre Ucrânia e Rússia, que expõe milhares de mulheres à vulnerabilidade.

Como mostrado em escândalos protagonizados por políticos, não há dúvidas de que a violência contra mulheres é ordinária. Na visão de Alves, incidentes dessa origem estão relacionados com os privilégios de cada um. “Ele está muito à vontade. A gente mulher, especialmente mulher preta, infelizmente se acostumou a ter que se provar nos espaços, é saber que o mundo não é o seu quintal”.

O Conselho de Ética da ALESP aceitou o pedido de cassação do mandato de Do Val por suas declarações absurdas. As

duas entrevistadas não se mostraram otimistas quanto ao fim do caso.

Simone Nascimento cravou: “Espero que ele perca o mandato”. O discurso de Alves se assemelha: “Acho que ele tem que ser cassado para ontem, é óbvio que é caso de cassação”, alega. Porém, ela ressalta a impunidade de misóginos e racistas: “Mas, infelizmente, acho que está se costurando um acordo para ele ser suspenso”.

A Guerra na Ucrânia, até o momento, foi responsável pelo deslocamento de 10 milhões de pessoas, de acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU). Aproximadamente 90% delas são mulheres e meninas. Estes dados foram divulgados pela diretora-geral da ONU Mulheres, que destaca os riscos relacionados a gênero aos quais as ucranianas estão submetidas, como tráfico humano e violência sexual.

O episódio infeliz do “Mamãe Falei” apenas relembrava do abismo entre os lugares que homens e mulheres ocupam na política.

Luto: verbo intransitivo

Em 14 de março de 2022, completaram-se quatro anos do assassinato da vereadora Marielle Franco. Mulher, negra, lésbica, da periferia do Rio de Janeiro e defensora dos direitos humanos, Marielle foi morta porque incomodava. Muito além de violência política de gênero, a execução da vereadora escancarou a verdadeira face de um Brasil racista e perverso.

Sendo assim, o que Luana Alves, Simone Nascimento, Antonieta de Barros e Bertha Lutz têm em comum com todas as mulheres é a luta, como postula Simone sem pensar duas vezes.



Simone Nascimento sendo entrevistada pela repórter Bianca Novais

Criptofascismo: sinais escondidos na extrema-direita

Com a popularização da internet e de novas mídias, organizações fascistas encontraram o espaço propício para se multiplicarem silenciosamente

Por Andre Nunes, Anita Woge
e Enrico Souto

Nos últimos anos, a internet tem vivido casos de personalidades famosas defendendo ou realizando apologia a discursos extremistas, como o nazismo. Um dos episódios mais recentes aconteceu com o ex-apresentador Monark, do podcast Flow, no início de fevereiro, quando ele defendeu a existência de um partido nazista. Depois dessa situação, Adrilles Jorge, comentarista político da Jovem Pan, finalizou seu programa com um gesto similar ao utilizado por Adolf Hitler.

Esse movimento foi considerado uma saudação nazista não só pelos internautas, mas também pela Condeferação Israelita do Brasil (Conib), que publicou em nota: "A Conib condena estarrecida o gesto repugnante de saudação nazista feito pelo apresentador Adrilles Jorge em programa da Jovem Pan". Após o caso, o comentarista foi demitido sob falas da emissora de não aceitar "nenhum tipo de manifestação nazista e alusão a perseguições de quaisquer tipos". Um mês após o escândalo e a nota de repúdio da Jovem Pan, Adrilles foi recontratado.

Estimulado por este dinâmica, o presidente Jair Bolsonaro também flertou com essa ideia. Durante uma *live* presidencial, em maio de 2020, Bolsonaro tomou um copo de leite puro e afirmou ser um desafio da Associação Brasileira de Produtores de Leite (Abraleite), como um incentivo a essa indústria no Brasil durante a crise do coronavírus. Segundo especialistas de estudos do nazismo, o leite puro é um código de identificação de supremacistas

brancos, e pode ter sido utilizado pelo presidente com este intuito.

De acordo com a antropóloga da Unicamp Adriana Dias, para a Revista Fórum, "neonazis usam o leite o tempo todo. 'Tomar branco, se tornar branco'. Ele vai dizer que não, que é pelo desafio. Mas é um jogo de cena, como eles sempre fazem"

O que é criptofascismo?

Muitas dessas práticas podem ser associadas ao "criptofascismo": movimento de grupos fascistas que escondem a realidade de seu pensamento e plantam pequenas pistas. Esse comportamento é feito para que possam atrair a atenção de simpatizantes, ao mesmo tempo em que não deixam tão claro sua associação com o fascismo tradicional, para naturalizar a presença desses discursos no debate público.

Esse fenômeno surge em um contexto pós-Segunda Guerra, no momento em que essas ideologias totalitárias já não eram mais aceitáveis. O termo foi cunhado em 1963, em uma obra do sociólogo alemão Theodor W. Adorno, mas o criptofascismo só veio se espalhar com o advento da internet, quando, por volta dos anos 2000, subfóruns de um site chamado 4chan passaram a ganhar força.

Atualmente, essas páginas se tornaram o principal ponto de encontro da chamada *alt-right* (abreviação de "direita alternativa"), movimento político americano, fruto direto da internet. Para esse grupo, a extrema direita tradicional não defende adequadamente os interesses da sociedade branca e ocidental e, por isso, eles propõem mudanças radicais na organização de instituições mais ortodoxas.

É nesse contexto que surge uma estratégia de comunicação fundamental para a *alt-right*: o *dog whistle*. O nome faz referência aos "apitos caninos", instrumentos que podem ser ouvidos por cães, mas são imperceptíveis para humanos. A expressão faz relação com as mensagens políticas que são empregadas por códigos, entendidas por adeptos ao movimento, mas ocultas para o resto da população. Esses símbolos geralmente se apropriam de imagens, expressões e gestos presentes na vida comum, o que tanto dificulta sua identificação quanto facilita eventuais justificativas.

É mais do que necessário a identificação desses sinais, pois é apenas assim que é possível combatê-los. O **Contraponto** lista alguns exemplos de símbolos comumente usados pela extrema-direita:

Fashwave: é uma vertente fascista com a estética visual do Vaporwave, um ramo da música eletrônica nascido em 2010 e atrelado a um posicionamento anticapitalista e presente na cultura da internet. O Fashwave, entretanto, apenas se apropria das características reconhecíveis – como o neon e as referências ao futurismo retrô dos anos 80 – e adiciona símbolos, frases e figuras reacionárias, de Bolsonaro à Hitler.

Gesto de "OK": feito pelo assessor Filipe Martins durante uma sessão do Senado em maio de 2021, nasceu como uma piada em 2017. Na época, usuários do 4chan tinham o principal objetivo de convencer os meios de comunicação de que o símbolo "OK" feito com as mãos era uma manifestação de supremacia branca. A campanha, apelidada de "operação O-KKK", em referência à organização racista Ku Klux Klan, partia do pressuposto de que os três dedos levantados no gesto formavam um 'W', e o círculo, feito com a junção do polegar e do indicador, desenhava cabeça de um 'P' (abreviação de White Power, "Poder Branco", em tradução). No entanto, após a piada se diluir, o símbolo passou a ser usado genuinamente por esses grupos.

Pepe, the frog: é um personagem de desenho animado que se tornou um meme famoso nas redes sociais, mas, à medida que se popularizou em fóruns no 4chan e Reddit, começaram a usar a figura do sapo sorridente para criar imagens com conotação racista e antissemítica. Esses significados preconceituosos não estavam no meme original, o que levou o seu criador, Matt Furie, a formar uma campanha chamada #SavePepe, com o objetivo de desvincular o personagem de discursos de ódio.

©Foto 1: Reprodução/Youtube; foto 2: Wikipedia



Quando colocados lado a lado, os gestos de Adrilles e Hitler são inegavelmente semelhantes



Sobrevivência da humanidade exige mais do que discursos

ONU alerta que “Nós, Natureza e seres humanos, estamos sendo pressionados a nos adaptar às mudanças do clima além do que podemos”

Por Camilo Mota

Mais de 2,8 bilhões de pessoas já são “altamente vulneráveis” por desastres climáticos, é o que diz o novo relatório publicado pelo Painel Intergovernamental Sobre Mudanças Climáticas (IPCC) das Nações Unidas (fevereiro de 2022). O estudo enfatiza que lidar com seus impactos é cada vez mais difícil. Múltiplos eventos climáticos ocorrerão simultaneamente, resultando em desastres encadeados, que já afetam diversos setores e regiões. Porém, na prática esses alertas parecem não ter efeito. Apenas mais um desde a ECO-92.

Inúmeras reuniões com líderes globais, que se baseiam em estudos dos mais competentes cientistas, já trouxeram à tona a urgência de uma ação coletiva para a contenção de tragédias – anunciadas –, que estão ocorrendo de maneira cada vez mais frequentes em todo o globo. Líderes e ativistas – e empresas – pronunciam discursos mais duros e promessas, que não são concretizados. E por que as sociedades não estão sendo capazes de enfrentar esses desafios? Para entender essa questão, o **Contraponto** conversou com a professora Marijane Lisboa, coordenadora do curso de Ciências Socioambientais da PUC-SP.

As energias renováveis, tão defendidas por muitos, não são por si uma solução isenta de impactos. Além da matéria prima de que necessitam, como o Lítio para produção de baterias, por exemplo – e são minerais raros –, a instalação de usinas eólicas e solares demanda grandes extensões territoriais, que também agride a natureza e suas populações. Há mais de 20 anos a Alemanha espera por um licenciamento para a instalação de usinas eólicas.

Ao mesmo tempo, a Conferência de Glasgow, ocorrida na Escócia em novembro de 2021 e que apresentou a proposta mais avançada para a mitigação desses impactos, deixou de selar uma data para o sepultamento do uso de carvão, maior responsável pelo aumento de gases de

efeito estufa na atmosfera. O passo atrás foi dado principalmente por pressão da China, que está construindo neste momento usinas termelétricas. E da Índia, que disse com todas as letras que precisa do carvão enquanto fonte de energia.

Para a socióloga, enfrentar na dimensão que precisamos e atingir mais rapidamente as metas de redução de emissão de gases de efeito estufa **“implica em mais do que projetos de transição energética e substituição disso e daquilo”. Exige uma Política de Decrescimento, baseada no uso de menos recursos naturais e menos produção industrial. “Automóveis serão prioridade em qualquer país? Pensemos bem, deve ter coisas mais importantes. Esse pensamento radical é o único que daria conta de enfrentar com a intensidade necessária os desafios que vêm aí”.**

Mesmo que haja maior conscientização ambiental, as medidas de redução de gases não são suficientes para impedir que os fenômenos atuais se agravem. “Por incrível que pareça, quanto menos industrializado for o país, mais chances ele teria de



© Hermann Traub/Pixabay

se converter a uma agenda de produção mais adequada.”

Equalizar as mudanças climáticas e a sobrevivência humana significa trocar bens materiais “supérfluos” como carros, eletrodomésticos – descartáveis a cada ano –, por bens relacionais como: educação, saúde, assistência social, cultura. O que parece absurdo, assim como continuar produzindo de forma irresponsável – mesmo que isso soe como apoiar a precarização dos trabalhadores e a uberização, mas que já é realidade no atual modelo. Isso infelizmente já não garante mais que povos que vivem em regiões mais quentes, como no nosso caso, não serão afetados.

E nesse sentido, países como Estados Unidos e China, e a União Europeia, já sinalizam mudanças na forma de produzir, o que não os isenta de serem grandes economias e responderem a um público, além de concorrerem entre si. O fato é que ninguém ainda se mostrou corajoso o bastante para aceitar o desafio ambiental e encolher sua economia, ao contrário do que se espera.

Guerra Ucrânia x Rússia: antecedentes e parcialidade da imprensa hegemonic

Especialistas chamam a atenção para a predisposição pró estadunidense, que tem origens anteriores ao avanço da Organização Militar do Ocidente

Por Bárbara Vieira, Camilo Mota, Letícia Coimbra, Malu Araujo e Nicolas Lopes

Mais de um mês após o início da invasão russa à Ucrânia, ambos os países continuam sem um acordo de paz. Pelo menos 1.500 civis já foram mortos e mais de 2.000 ficaram feridos, de acordo com a Organização das Nações Unidas – ONU. Estados Unidos e União Europeia seguem impondo sanções ao gigante do leste europeu, e estima-se que pelo menos sete milhões de pessoas tiveram que se deslocar de suas casas ou cidades. Além dos números, a devastação vai aos poucos se evidenciando enquanto novas narrativas são criadas e utilizadas como tática de guerra para justificar o injustificável – mortes, torturas e o domínio de duas culturas e ideologias políticas, que aos poucos vai dando espaço a um novo rearranjo global.

Origem russo-ucraniana

Entre os séculos IX e XIII, onde hoje se localiza a Ucrânia, existia o território Rus de Kyev, lar de uma grande federação de tribos eslavas que dominavam o local de forma desorganizada e em constante conflito. Diante desse cenário, os vikings, que navegavam e comercializavam pela região, dominaram esses povos, criaram uma aristocracia escandinava e iniciaram uma expansão territorial, fundando o principado de Kyev.

O Kievan Rus, ou Rússia de Kyev, ocupava uma região que abarcava parte dos países bálticos, Polônia, Rússia e toda a Bielorrússia e Ucrânia. Nela foi criado um idioma comum, o alfabeto cirílico, para facilitar a comunicação das diferentes tribos, e o cristianismo ortodoxo foi adotado como religião oficial, o que foi fundamental para a construção do que seria a identidade russa.

Em um artigo publicado em junho de 2021, o presidente russo, Vladimir Putin, afirma que os povos ucraniano e russo são um só, fazendo uma referência a esse período da história. "Russos, ucranianos e bielorrussos são todos descendentes da antiga Rus, que era o maior Estado da Europa. As tribos eslavas estavam unidas por



© Montagem: Camilo Mota

Líderes mundiais de olho na Guerra

uma língua (que agora nos referimos como russo antigo), laços econômicos e pela fé ortodoxa", defende.

Porém, em um dado momento, Putin alega que a Ucrânia "foi arrastada para um perigoso jogo geopolítico", estabelecendo um conceito "anti-Rússia" e esses laços foram rompidos. "Todas as coisas que nos uniam e nos unem até agora foram atacadas. [...] e o mais desprezível é que os russos na Ucrânia estão sendo forçados não apenas a negar suas raízes, gerações de seus ancestrais, mas também a acreditar que a Rússia é seu inimigo", argumenta.

Por fim, ele termina o texto enfatizando a ideia de união dos povos: "Estou confiante de que a verdadeira soberania da Ucrânia só é possível em parceria com a Rússia [...] Juntos sempre fomos e seremos muitas vezes mais fortes e bem-sucedidos. Pois somos um povo [...] A Rússia nunca foi e nunca será anti-Ucrânia. O que a Ucrânia será – cabe aos seus cidadãos decidir", escreveu.

Antecedentes da Guerra

Os resquícios deixados no mundo pós-Guerra Fria foram sentidos no atual conflito entre Rússia e Ucrânia, tendo em vista que esse confronto diz mais a respeito dos Estados Unidos e da Rússia em si. Dentro desse cenário, é fundamental entender fatores históricos que estimularam o mal-estar geopolítico entre os países.

Embora no pós-Guerra Fria o Pacto de Varsóvia – tratado entre os países aliados do bloco socialista – tenha sido dissolvido, o Tratado do Atlântico Norte – aliança militar dos Estados Unidos – se manteve de pé. O que é contraditório, já que os dois acordos se tratavam de um claro antagonismo

entre as duas superpotências. Fato é que, ao final dos anos de 1999 em diante, a OTAN já havia se expandido por grande parte do leste europeu, incluindo países que fazem fronteira com a antiga União Soviética. Isso não apenas instaurou um clima de tensão entre os países, como também evidenciou que o imperialismo estadunidense passou longe de acabar em 1991.

Outro precedente vital para essa tensão foi o ano de 2013, marcado pelas ondas de protestos populares, conhecidos por *Euromaidan*. Apoiado sistematicamente pelo Ocidente e frações da elite ucraniana, o movimento surgiu em resposta à interrupção das negociações da Ucrânia com a União Europeia por Viktor Yanukovich, presidente do país inclinado aos interesses da Rússia. O *Euromaidan* se encerrou em fevereiro de 2014 e resultou na queda de Yanukovich, que fugiu para a Rússia.

Em entrevista ao jornal **Contraponto**, o professor de Relações Internacionais da PUC-SP, Reginaldo Nasser, explica o porquê dessa virada. "O que aconteceu é que no meio das mobilizações apareceram outros grupos reivindicando a adesão à União Europeia, a queda do governo e isso foi alimentado por organizações não governamentais, com hegemonia norte-americana e que acabou derrubando o presidente da Ucrânia, que era bastante próximo da Rússia, o que gerou a percepção de instabilidade e ameaça que a Ucrânia poderia apresentar ao seu vizinho", diz.

Um novo parlamento tomou posse interina do país em 2014 e propôs algumas medidas. Entre elas, a retirada do russo como língua oficial do país, um dos motivos para o início de levantes no leste ucraniano, onde há forte identificação étnica

russa. Se houve, por um lado, os que reivindicavam pela aproximação com o Ocidente no Centro-Oeste, por outro lado, haviam aqueles que pretendiam a aproximação com a Rússia e a sua autodeterminação, no sul e no leste. Isso aconteceu por uma cisão cultural estrutural no país.

Nesse contexto, irromperam os conflitos entre os separatistas, apoiados por Moscou, e as forças ucranianas na região do Donbass e na Criméia, anexada pela Federação Russa durante as tensões de 2014. Entre os atores envolvidos, estavam grupos de extrema-direita; neonazistas, agora incorporados pelas forças armadas ucranianas, como o Batalhão Azov, e grupos nacionalistas separatistas.

"O final disso foi um acordo de paz muito precário; os acordos de Minsk. Ficou uma região no leste da Ucrânia, a região de Donbass, com os separatistas protegidos pela Rússia, mas ninguém respeitou esse cessar-fogo", explica Nasser.

Ao analisar a guerra atual, continua: "A Ucrânia tem reivindicado a entrada na Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Entrar na OTAN significa que o território vai fazer parte de todo esse tipo de aliança militar, e esse é o grande temor da Rússia, ter ali armas, inclusive a

possibilidade de armas nucleares na sua fronteira. O Putin tentou fazer um acordo com Biden no final de dezembro (2021), o Biden nem respondeu e a situação chegou a essa tensão".

Cobertura e partidarização da imprensa

A partir da eclosão da guerra, ocorrida na madrugada do dia 24 de fevereiro de 2022, a invasão russa em território ucraniano tomou os noticiários. O conflito, definido como o primeiro "verdadeiramente globalizado" da história – termo usado por Jon Lee Anderson, redator e correspondente de Guerra da revista The New Yorker – elevou o então comediante Volodymyr Zelensky à figura de herói, forma como está sendo retratado pelos principais veículos jornalísticos dos países alinhados aos Estados Unidos.

Por um lado, o líder ucraniano sob holofotes por ser um outsider, um presidente que foge às características de um político tradicional – fato de sair das telas de tv e cinema, e alguém das mídias -. Mas isso não era consenso até pouco tempo atrás. Manchetes de jornais pró EUA retratavam Zelensky pejorativamente como "comediante".

O jornal New Europe publicou em 15 de abril de 2021 a seguinte manchete: "Governo do presidente ucraniano se torna cada vez mais corrupto e autoritário". E poucos dias antes do início da atual guerra, a rede estadunidense CNN destacou: "Ucranianos estão se perguntando se seu comediante que virou presidente pode lidar com o cenário mundial".

Por outro lado, a mudança de tom e o modo como o presidente da Ucrânia passou a ser retratado – como salvador – se dá pelo fato de Zelensky ter aceitado "jogar o jogo" dos EUA, e permitir a instalação de bases militares da OTAN em seu território. Isso significa aceitar experimentos e treinamentos bélicos no quintal do "inimigo" – a Rússia.

De acordo com o jornalista, professor e ex-correspondente do jornal Folha de S. Paulo José Arbex Junior, Zelensky não tinha (desde que foi eleito) e não tem nenhuma grande convicção política. "É alguém que foi na onda oportunista para se eleger, que não tinha um perfil ideológico muito bem definido e que aceitou fazer o jogo da OTAN", comenta.

A Ucrânia, país visto hoje como exemplo de união e patriotismo, tem um passado de corrupção, perseguição à liberdade



Manchetes de jornais pró EUA anteriores ao início da invasão russa

de expressão e o fato de ser o país mais pobre da Europa, de acordo com ranking do Fundo Monetário Internacional (FMI, dados de 2018), como já reportaram os mesmos jornais que hoje mostram a Ucrânia como um modelo a ser seguido.

Ao mesmo tempo, o batalhão Azov, que surgiu como milícia ucraniana ligada a ideologias de extrema-direita contra os russos, no contexto anterior à anexação da Crimeia pelo gigante do leste europeu, foi incorporado a algumas frentes das Forças Armadas da Ucrânia. O grupo miliciano preserva e defende ideais nacionalistas e nazistas e são responsáveis pelo exterminio de pró-russos nas regiões onde há grupos separatistas.

As justificativas russas de “desnazificação” e “desmilitarização”, não são por si convincentes, como afirma Nasser. Para ele, a atual motivação russa está em torno da região de Donbass, que a Rússia quer proteger, e a tentativa de transformar o território num centro separatista.

Enquanto Putin utiliza uma estratégia inaceitável de invasão, com assassinatos de civis, crianças, bombardeio a áreas residenciais e que força uma onda migratória que está provocando reflexos em todo

o globo, os Estados Unidos continuam seu imperialismo.

Dois dias antes da guerra na Ucrânia eclodir, os EUA atacaram militares do Al-Shabaab, filiado à Al-Qaeda na África, com um drone. Iêmen, Síria (Oriente Médio) e Moçambique (África) são alguns dos países que estão sob conflito armado com ataques financiados pelos norte-americanos, e ocultados para o restante do mundo.

Os EUA, que pregam a soberania da Ucrânia e são contrários à influência externa dentro de um país aliado, são responsáveis por alguns dos mais cruéis ataques da história como as bombas de Hiroshima e Nagasaki (cerca de 150 mil civis mortos), a sangrenta Guerra no Vietnã – onde mais de um milhão de pessoas foram assassinadas pelos estadunidenses – e ataques em Bósnia e Kosovo pela OTAN.

No entanto, a atual cobertura jornalística – de parte dos veículos ocidentais –, oculta informações para privilegiar suas posições enquanto empresas. “No fundo ela [a imprensa] reflete aquilo que já estava decidido pela política e pela elite norte-americana”, afirma Nasser. Ainda, para o professor, a imprensa amplia e reforça

essa influência que os EUA ainda tentam vender. É uma elite econômica que “abraçou a ideia do Biden” e está “jogando gasolina” sobre o conflito.

Outra razão para as decisões tomadas pelos jornalistas, ou parte deles, inclusive na imprensa brasileira, se dá pelo fato de uma “colonização ideológica”, onde quem cobre os conflitos “ou não estão preparados ou não têm informações suficientes para contrapor o consenso estadunidense e europeu”, afirma Arbex.

“A opinião pública brasileira é mal-informada sobre esses assuntos internacionais, cria-se um círculo vicioso, uma simplificação dos fatos para satisfazer o público, que gosta de receber os fatos simplificados, gosta de saber onde é que está o bem, onde é que está o mal, os jornalistas fazem esse jogo porque é mais cômodo para os jornalistas também e porque eles não correm o risco de contrariar os interesses das grandes corporações”, acrescenta.

No mesmo sentido, para Nasser, a ideia de “derrubar Putin”, propagada por Biden, não foi muito reprimida pela mídia. “Além de pensar na Ucrânia, estavam pensando desde início nessa coisa de desgastar a Rússia. É uma guerra que demora, uma guerra de atrito, de inflexão, que promove mais de 4 milhões de refugiados e o povo da Ucrânia acaba sendo a vítima nesse jogo”, pondera.

Em entrevista exclusiva ao **Contraponto**, uma residente de Kharkiv – Carcóvia, uma das maiores cidades da Ucrânia – que pediu para não ser identificada, disse que o conflito é muito intenso e que tenta não “mergulhar” no que os jornais dizem. Ela entende que “todos eles mentem, de ambas as partes” e busca tirar suas próprias conclusões acerca da guerra. Ela ainda afirmou que existem muitos grupos de Telegram e que eles, “mais ou menos, não especificando, não estão presos a nenhuma propaganda, dando apenas os fatos de forma simples”.

Ainda, para a moradora que nasceu enquanto a Ucrânia ainda era parte da União Soviética, Zelesny vinha perdendo popularidade e está lutando contra seus oponentes e aqueles que criticam o seu governo. Também está tomado pelo poder, e é o autor das decisões que levaram o país a ser atacado pelas tropas russas. O seu maior desejo e o de sua família é “poder acordar para voltar para casa, viver uma vida normal”, o que afirmou ao expressar que se trata de uma realidade distante.

“Nós tentamos analisar, ver o que está acontecendo e fazer nossas decisões, passo a passo. Então não pensamos muito no futuro, isso é algo que não pode ser calculado”, disse.



“Sou russa, sou contra a Guerra”, por Silar, 6 de março de 2022

Relato de um estudante: a vida durante o conflito

Brasileiro conta sobre sua experiência universitária na Rússia

Por Jessica Midori e Tomas Furtado dos Santos

No seu quarto ano do curso de medicina na Kursk State Medical University, Guilherme Carotenuto, atual morador da cidade de Kursk, na Rússia, conta sua trajetória na faculdade, relembrando eventos históricos.

"Teoricamente eu só consegui ter um ano de estudos normal, iniciei o curso em 2019 e, logo no primeiro semestre de 2020, começou o surto do Coronavírus"

Já no contexto atual, o estudante informa que, de início, a universidade não foi de acordo com a demanda dos discentes de deixar o país e continuar com as aulas virtuais. Entretanto, eventualmente, acabou cedendo, e chegou a oferecer auxílio na viagem para fora do país àqueles que desejasse.

"A faculdade está sendo flexível com os alunos que, com medo do futuro do conflito, voltaram para o seu país de origem. Estão sendo disponibilizadas aulas online para que esses não fiquem com faltas nas disciplinas. Porém, a universidade vêm comentando sobre uma possível volta ao presencial no começo de maio, mas ainda nada é certo", relata Carotenuto.

Mesmo assim, os que tomam a decisão de voltar para o seu país, enfrentam dificuldades no processo. Com as fronteiras fechadas e a estagnação dos voos internacionais, é necessário buscar formas alternativas de deixar o território.

"Quem quer voltar para o Brasil não consegue de forma direta, é necessário pegar um trem para atravessar a fronteira para o país mais próximo, e então, de avião, escalar para o Brasil".

Sobre a situação financeira, adiciona que, com o valor do rublo caindo drasticamente devido às sanções internacionais, os intercambistas agora se encontram em uma situação teoricamente favorável, já que as moedas de seus países de origem adquiriram um valor maior em comparação à moeda russa.

Porém, para muitos surge o problema de como realizar essa troca, devido às sanções e o bloqueio de muitos bancos russos no exterior, muitos estudantes se veem incapazes de acessar um sistema de câmbio para converter a moeda de seu país de origem em Rublos.

A solução foi o uso das criptomoedas, dinheiro completamente digital como Bitcoin e Ethereum, que não tem um órgão governamental como regulador. Atuando como intermediária, os alunos compram essa moeda em reais e a vendem localmente aos servidores russos em Rublos.

"Eu já estava acostumado a mexer com esse tipo de coisa, então, eu comecei a ensinar os outros alunos", disse Guilherme, e

citou que, alguns de seus colegas acharam a troca pelas moedas digitais mais favoráveis do que as transações de câmbio normal.

"Provavelmente vamos continuar usando as criptomoedas até mesmo depois que a Guerra acabar".

Os principais atrativos por trás do uso da moeda digital vem do seu elemento descentralizado. A taxa de câmbio é de 2%, quatro vezes menor do que é cobrado na maioria dos bancos da região. Além da rapidez com a qual a transição é realizada, podendo ser quase instantânea, em contraste com os dias de espera aguardando a efetivação da troca em empresas maiores.

Além das mudanças socioeconômicas, as quais Guilherme relata, é preciso trazer visibilidade para a instabilidade psicológica a qual esses jovens são submetidos, com todas as incertezas que rodeiam o campus universitário e a cidade de Kursk.

Guilherme enfatiza que as consequências sociais do conflito são notáveis no dia a dia dos universitários. Além dos estabelecimentos populares estarem sendo fechados, mais da metade dos estudantes deixaram o território russo rumo à segurança.

"Logo no início do conflito, com o medo e insegurança tomando conta, acredito que muitos agiram de forma precipitada, vi muitos alunos irem embora, principalmente à pedido dos pais. A volta imediata dos seus filhos era assunto frequente no grupo dos pais dos estudantes, o qual os meus estão, e comentavam comigo sobre o desespero que reinava nas famílias dos alunos".



© Ilustração: Tomas Furtado dos Santos

Carotenuto ainda comenta que a volta de seus colegas nem sempre foi voluntária. Muitos não enxergavam a necessidade de deixar Kursk, visto que, até o momento não houve ameaça direta ao território. No entanto, enfrentaram uma demanda dos familiares para que retornassem ao Brasil.

Segundo Guilherme, os estudantes que permaneceram mantêm a crença de que o embate não se estenderá para solo russo.

O universitário relata que o apoio ao conflito é expressado livremente pelas ruas. Carros trafegam pela cidade com um símbolo "Z", o qual significa pró-guerra, nas suas traseiras. Além disso, há também o arreio que toma conta dos moradores do alojamento onde, segundo Guilherme, é possível escutar dos quartos barulhos altos vindos do céu, os quais os alunos acreditam serem aviões de caça em direção à Ucrânia.

Mesmo assim, nos arredores da faculdade ele afirma que o confronto é raramente mencionado, professores não aderem ao assunto, e os alunos pouco comentam sobre o seu sentimento em relação a situação atual do país.

“ É assustador, mas a gente se acostuma. ”



© Ilustração: Tomas Furtado dos Santos

Apesar da calma que ele transparece e o relato de que a vida em Kursk não está sendo duramente afetada pela conjuntura presente entre as duas nações, inclusive, o fato de morar perto da fronteira não os impacta, o estudante não deixa de fora o seu pensamento e a sua lamentação a respeito do que está acontecendo tão próximo de onde se encontra.

O jovem também expõe que essa guerra poderia ser resolvida de uma forma mais pacífica, evitando mortes e catástrofes, que hoje está atingindo a muitos, inclusive estrangeiros que residem na Ucrânia.

"Eu sinto muito por tudo que está acontecendo lá. A situação é lamentável e desumana, espero que tudo se resolva logo para que tudo volte ao normal para eles", finaliza Guilherme.

Petrobras a preço de dólar

Com a Guerra na Ucrânia o preço dos combustíveis consumidos dentro do país sobe tanto quanto o valor do petróleo varia no mercado internacional

© André Motta de Souza/Agência Brasil



Por Fernando Maia e Giovanna Crescitelli

Desde janeiro de 2021, já ocorreram 13 reajustes nos preços dos combustíveis vendidos pela Petrobras, segundo o levantamento feito pelo Observatório Social da Petrobras (OSP). O aumento do início de março é o mais acentuado até agora: 18,7% para a gasolina e 24,9% para o diesel S-10. Mas por que os preços não param de subir?

Em março de 2022, a Petrobras publicou em seu site uma nota para explicar o aumento nos preços dos combustíveis vendidos para as distribuidoras. Segundo a empresa, a decisão de esperar 57 dias para reajustar seus preços respeita a decisão de "não repassar a volatilidade do mercado de imediato".

Os preços passaram a ser monitorados pela empresa após constatar que a gasolina e o gás estavam "em patamares consistentemente elevados", tomando a decisão de repassar a alta dos preços internacionais para a economia brasileira.

A invasão russa na Ucrânia, é apontada no documento como um dos fatores que contribuíram para a disparada do preço do petróleo e de seus derivados. A Rússia é o 3º país que mais produz petróleo no mundo. As sanções econômicas impostas pelos Estados Unidos e pela União Europeia contra o petróleo e o gás exportados pela Rússia, diminuem a disponibilidade destes recursos, aumentando os preços.

Pedro Rodrigues, sócio do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE), explicou para a BBC em entrevista que: "Como estamos falando da Rússia, segundo maior exportador de petróleo do mundo, e da Ucrânia, um país que tem uma importância

logística para que o petróleo e gás russo chegue na Europa, o conflito envolve ainda mais riscos para a indústria do petróleo".

Em dezembro de 2006, a ANP (Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis) anunciou que o Brasil poderia ser considerado autossuficiente na produção de petróleo. Na época, o então presidente Lula fez o anúncio ao visitar a plataforma P-50, instalada no campo de Albacora Leste, na Bacia de Campos, responsável pelo feito, conforme reportagem publicada pela Folha de São Paulo no mesmo ano.

Imagina-se que a economia brasileira poderia conter a alta nos preços, sem prejuízo, por produzir mais petróleo do que consome, visto também o lucro recorde de 106 bilhões de reais da Petrobras em 2021. Entretanto, o tipo de petróleo produzido pelo país e a insuficiência de refinarias para processar o material bruto, faz com que ainda seja necessário importar a commodity, vendida em dólares.

História da Petrobras

A Petrobras foi fundada em 1953 com intensa mobilização da sociedade civil cristalizada na campanha "O petróleo é nosso" que envolvia entidades privadas e governamentais e fomentava o debate no Planalto sobre o tema. O contexto histórico em que surge a Petrobras é marcado por forte presença do Estado na economia, cujo papel era implantar e promover o processo de industrialização nacional para gerar o desenvolvimento econômico.

Apesar da comoção inicial, a companhia frustrou as expectativas, pois apenas em 1974 a empresa teve a sua primeira grande descoberta, localizando um campo de petróleo para extração: a Bacia de

Campos, na costa do estado do Rio de Janeiro. A região foi a maior área de produção de petróleo encontrada pela empresa até a descoberta do campo de Majnoon no Iraque, pela subsidiária Braspetro – criada para a exploração de petróleo no exterior – em 1976. A reserva encontrada no exterior era dez vezes maior que as controladas pela Petrobras.

Desde sua criação até 1997, a empresa esteve em regime monopolista, portanto, o trabalho de exploração, produção, refino e transporte do petróleo no Brasil era de exclusividade da Petrobras. Após 40 anos, a companhia passou a competir com outras empresas, estrangeiras e nacionais, através de um decreto do então presidente Fernando Henrique Cardoso; a lei tornou a Petrobras uma empresa de capital misto, e até hoje o governo brasileiro detém a maioria das ações da empresa.

Em 2007, foi descoberto em território nacional o campo do pré-sal, uma reserva de petróleo e gás natural em águas profundas com enorme potencial de exploração e geração de lucros para a empresa.

Em 2016, durante o governo Temer, a Petrobras adotou a chamada política de Paridade de Preços de Importação (PPI) onde o preço praticado pela empresa deve seguir o preço do mercado internacional, inclusive se o bem for extraído, refinado e consumido no Brasil.

Um dos efeitos dessa política, é que em momentos de alta volatilidade, como a atual crise influenciada pela Guerra da Ucrânia, o preço dos combustíveis consumidos dentro do país subam tanto quanto o preço do petróleo varia no mercado internacional. Outra pressão é a variação que o dólar pode fazer sobre os preços nacionais.

No dia 24 de fevereiro de 2022, diversos parlamentares discursaram no Plenário da Câmara para questionar o lucro recorde da Petrobras diante do disparo nos preços dos combustíveis – conforme noticiado pela Agência Câmara de Notícias.

A deputada Gleisi Hoffman, presidente do PT, chamou o aumento dos preços de extorsão e explicou que: "Temos um dos petróleos com o menor custo de exploração do mundo e estamos agora com esse preço escorchantes dos combustíveis em cima do povo para distribuir R\$ 106 bilhões para acionistas privados."

O deputado Pompeo de Mattos (PDT-RS) questionou a ausência de oscilação dos preços com a queda do dólar. "Como explicar que a Petrobras aumenta a gasolina porque aumentou o dólar e não diminui a gasolina quando o dólar diminui a sua cotação? É algo que não é aceitável, não é razoável."

Um tributo aos ícones da alta costura

Do streetwear a performance, o legado deixado pelos revolucionários da indústria da moda

Por Anna da Matta, Laura Melo e Tabitha Ramalho

A moda disse adeus a grandes nomes da indústria nos últimos anos, como os estilistas Alber Elbaz e Virgil Abloh, em 2021, e Thierry Mugler, em 2022, todos marcados pelas suas singularidades, seja na alta costura, seja no streetwear. Além deles também está o jornalista afro-americano André Leon Talley, conhecido por ser diretor criativo da Vogue norte-americana e por ter deixado seu legado e sua representatividade após falecer também em janeiro de 2022.

Sua criatividade e pluralidade abordadas em seus desfiles vêm através do seu repertório diversificado conquistado através do mestrado em arquitetura e do hobby como DJ. Um dos exemplos dessas aplicações foi a colaboração de Virgil com a iKea, que foi incompreendida na época. "Ele era muito ligado às questões perceptuais, mobília, decoração de ambientes, vivências com os clientes, festas e música. Essas experiências sensoriais que ele se aprofundava eram muito importante" detalha Ricciardi. "Abloh não era um grande *storyteller*, mas sabia muito bem montar um universo para você se emocionar, mesmo sem saber a história por trás", acrescenta.

Além da sua inovação no mundo da moda, Virgil deixa como herança a necessidade de diversificar o mercado. Os diretores criativos e estilistas que comandam as *maisons* de luxo são, em sua maioria, brancos que já estão na área há muito tempo alternando de marca em marca. Por isso, Abloh decidiu levantar a bandeira da representatividade dentro da indústria.

"Tem pessoas muito competentes de todas as etnias e gêneros possíveis, que estão na faculdade mas não tem uma chance, justamente, por essa questão da moda ser viciada e não se renovar em olhar novos rostos", comenta a repórter. As expectativas para o novo sucessor da Louis Vuitton são altas e o público anseia por alguém que possa representá-lo.

Thierry Mugler, o astro da performance e do drama

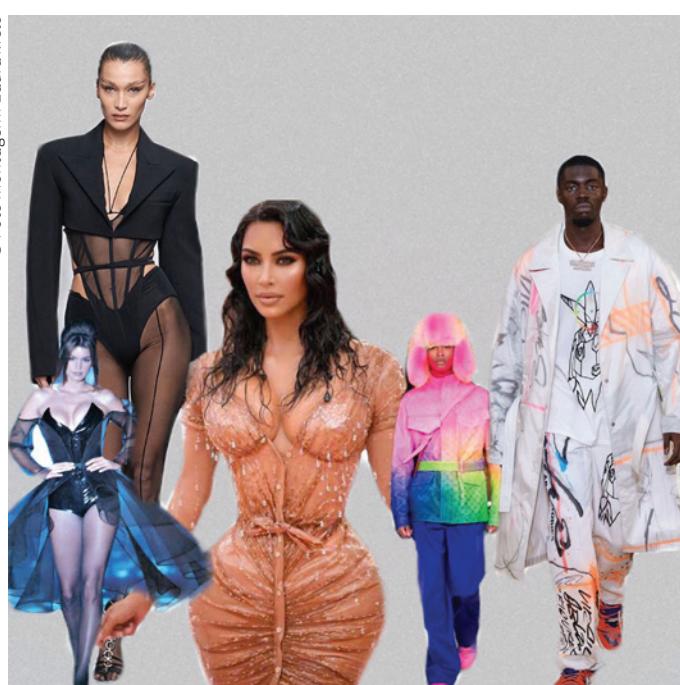
Marcado pelos desfiles grandiosos, silhuetas definidas e um novo olhar sobre a moda, Manfred Thierry Mugler revolucionou o mercado nos anos 80, transformando o significado de elegância. "O Mugler, por exemplo, era uma pessoa muito de tato, ele gostava de texturas e estruturas diferentes na mesma roupa, ele não se reduzia a nada, ele sempre queria mais" explica Ricciardi, relembrando as vestimentas de Naomi Campbell, Cindy Crawford, Bella Hadid e Kim Kardashian.

"Mugler mudou a forma que olhamos para qualquer coisa. A moda conceitual é quase uma ópera de uma forma elevada ao extremo; a Mugler teatral talvez não tenha dado tanto lucro como a de hoje, mas é uma coisa que ficou para os livros de história. A construção que ele fazia, o amor que ele tinha para pregar cada pedra do sutiã que as modelos iriam usar debaixo da roupa é bizarro. Ele fazia isso porque amava e tinha paixão pelo seu trabalho", conclui.

O estilista, que já estava aposentado há um tempo, teve uma breve retomada com o desfile de Primavera Verão de 2021. A coleção captura a grande essência de Thierry Mugler, com uma ascendência em tecnologia e esculturas, trazendo de volta suas performances dramáticas e irônicas dos anos 80. "Um desfile de Mugler fazia você parar de respirar, são pessoas que olham pra moda de uma forma muito diferente", adiciona Izabella.

O ex-diretor criativo faleceu em janeiro de 2022, deixando seu legado extravagante e único, que foi assumido por Casey Cadwallader, desde 2017. A escolha do sucessor de Mugler foi inteligente e interessante, por trazer um traço atual do século 21, como a feminilidade empoderada, sexualidade, *body positive* e diversidade. Além disso, Cadwallader mostrou que a *maison* Mugler também é sobre roupas reais e não só sobre pirotecnia, evidencian- do o interesse em roupas esportivas e um novo caminho que a marca está levando.

Com tal fragilidade que a indústria tem enfrentado após essas perdas, o público aguarda por sucessões tão plurais e inovadoras que abordem críticas sociais e políticas, trazendo novas pautas ao mundo da moda e retomando o legado de seus antecessores.



Celebridades vestindo Mugler, Louis Vuitton e Off-White

Virgil Abloh, o rei do streetwear

Virgil Abloh foi o primeiro diretor criativo negro de uma das casas de luxo mais importantes e tradicionais do mundo da moda, a Louis Vuitton. Abloh fundou a Off-White, uma marca de streetwear que trouxe toda essa modernidade para os moldes clássicos franceses, mudando o estilo da alta sociedade e marcando uma nova era da moda.

"Antes do Virgil, em meados de 2010, a moda ainda estava bem presa no workwear, com uma silhueta reta, principalmente magra. Então, o streetwear foi uma coisa bem diferente. A partir de 2014 as pessoas começaram a olhar para tênis e moletos de forma diferente e quem começou com isso foi o Virgil, que massificou e popularizou o streetwear dentro da indústria do luxo", afirma Izabella Ricciardi, repórter da Marie Claire.



Virgil Abloh localizado à esquerda e Thierry Mugler localizado à direita

Quando as costuras aprisionam

Como a indústria da moda explora a dignidade de trabalhadores colocando-os em situações análogas à escravidão

Por Bianca Athaide, Manuela Dias
e Sophia Pietá

O tremor econômico causado pelo petróleo nos anos 70 afetou fortemente a cadeia produtiva da moda. Com a democratização da compra, o barateamento das peças e a produção em maior escala, o trabalho análogo à escravidão cresceu assombrosamente; com efeitos até hoje, segue marcando presença nessa glamurosa cadeia produtiva. Através da quarteirização da produção e na busca por maior lucro, grandes marcas se escondem atrás do imediatismo no consumo atual, elevando o setor da moda para o segundo maior explorador de mão de obra, segundo a fundação Walk Free, em sua pesquisa "The Global Slavery Index", feita em 2018.

Mediante a uma lógica distópica, o conforto e o glamour de uma peça bem finalizada, somente existirão às custas de

milhares de vidas sacrificadas por jornadas exaustivas, salários muito baixos, trabalho forçado e servidão. Em 2019, segundo o Ministério do Trabalho do Estado de São Paulo, 139 pessoas teriam sido resgatadas de situações análogas à escravidão em indústrias de produção têxtil. Em adição ao problema, mulheres nessas condições acabam lidando com mais um agravante, assédio moral e sexual por parte dos contratantes ou chefes de oficina.

Apesar da escravidão ter sido abolida no ano de 1888, ainda é possível observar a exploração da mão de obra por parte de diversas empresas, que se aproveitam da inocência e da necessidade das vítimas para propor melhoria de vida por meio do trabalho. Não obstante, esses trabalhadores caem em falsas promessas, sendo explorados em condições sub-humanas pelas grandes marcas, submetidos a jornadas exaustivas, moradias precárias, opressão física e psicológica. No mundo da moda predominam-se mulheres, mães, negras e imigrantes de origem latino-americana; as indústrias têxteis buscam por costureiras e bordadeiras para produzir roupas e calçados em larga escala, com baixo custo de produção, chegando a pagar até três reais por peça feita às trabalhadoras.

O primeiro caso do resgate de um trabalhador da indústria do vestuário ocorreu oficialmente apenas no ano de 2010 (anteriormente, eram expostos somente casos de exploração do trabalho no âmbito rural), tornando as denúncias no meio urbano um tema muito recente para o público. Com o aumento da visibilidade e da fiscalização diante desse problema, muitas marcas passaram a ser expostas e penalizadas; como a denúncia contra a multinacional "Zara", em 2011, em que a marca admitiu utilizar mão de obra escrava na produção das suas peças nas cidades de São Paulo e Americana (SP). Na ocasião, 16 funcionários brasileiros e bolivianos, foram encontrados em condições desumanas e ilegais de trabalho infantil, jornadas exaustivas e restrições de liberdade. Durante os depoimentos prestados à justiça, em 2014, o diretor-geral da empresa no Brasil admitiu o uso de trabalho escravo em sua cadeia de produção, justificando ser um serviço terceirizado sem o conhecimento da empresa. A marca foi indenizada e obrigada a contratar legalmente os trabalhadores e fornecer os direitos básicos necessários na fábrica.

© Reprodução Instagram



Trabalhadores têxteis
em situação análoga
à escravidão



© Reprodução: Instagram

A controvérsia do luxo na moda e seus meios de produção ilegais

A estilista e empresária Tarliza Schall, dona da marca de roupas que leva seu próprio nome, diz que diversas marcas procuram terceirizar seus serviços sem se importar com as garantias dadas aos funcionários, visando somente o lucro que terão ao produzir uma nova coleção. “É necessária uma intensa fiscalização da produção, pois com a pandemia e a ascensão do fast-fashion no meio on-line, as pessoas acabam comprando roupas sem nem ter ideia de quem a produziu e quais são as condições oferecidas a essas pessoas.”, comenta a estilista. Dessa maneira, é possível visualizar que com a chegada da

pandemia em 2020, e o crescimento nas compras digitais, os compradores passaram a consumir produtos da internet sem ter noção de qual local e por quem é produzido. Como no caso do site chinês “Shein.com”, que popularizou durante o isolamento revendendo roupas de diversas marcas pelo mundo por preços mais baixos, foi acusado de trabalho análogo à escravidão e plágio, não obtendo transparência sobre o seu processo de produção aos clientes. Em uma pesquisa feita pela *Fashion Transparency Index*, que analisa a transparência das marcas de moda, a marca chinesa foi classificada com a pontuação mínima.

“
As pessoas acabam comprando roupas sem nem ter ideia de quem a produziu e quais são as condições oferecidas a essas pessoas.”

Tarliza Schall

Empresária e estilista Tarliza Schall exibindo sua coleção de roupas no evento Salão CasaModa em São Paulo, 2022

A jornalista de moda, Mariana Coelho, que já escreveu para revistas como *Glamour* e *Vogue*, comenta como é necessário o consumidor analisar as marcas que utiliza e ter consciência na hora de fazer compras. “As pessoas que consomem a moda devem pesquisar e se certificar aonde as peças são produzidas, para não incentivar o trabalho ilegal dessas empresas. Existem diversas pesquisas e denúncias que ajudam a certificar sobre a escravidão moderna e boicotar as marcas que praticam. O consumo tem que ser com responsabilidade e sustentabilidade”.

As medidas a serem tomadas diante desse cenário são inúmeras, como a necessidade de cobrar dos parlamentares a erradicação do trabalho escravo e a promoção do trabalho digno, pressionando as marcas por mais transparência e responsabilidade com os seus funcionários. Fomentando a discussão coletiva para que mais pessoas fiquem sabendo da situação, e que as mesmas fiquem em alerta. Mesmo com os números altíssimos de denúncias sobre empresas que ainda atuam ilegalmente, a estrutura da fiscalização continua precária. No atual cenário brasileiro, com o enfraquecimento da fiscalização e com o aumento de consumidores interessados em pagarem valores baixos pelas roupas, dificilmente esse cenário irá mudar sem a contribuição da população.

Onde denunciar o trabalho análogo ao escravo: Ministério Público do trabalho, Ministério da Economia, Defensoria Pública da União; Disque 100 ou baixe o aplicativo Direitos Humanos BR.



© Reprodução: Bianca Athaide, Manuela Dias e Sophia Pietá

A cintura baixa é um agente gordofóbico ou o preconceito está nos olhos de quem vê?

Alguns dizem “quem não quer, não usa”, mas o buraco é mais embaixo

Por Eshlyn Canete, Marcela Baltazar e Nathalia Teixeira

Os anos 2000 foram marcados pelo culto à magreza excessiva. Esse fenômeno acaba de retornar na moda e tendências como os óculos de sol extravagantes, correntes, tiaras, presilhas, gloss e a polêmica cintura baixa já estão em todos os desfiles e editoriais, além de serem usados pelas maiores *influencers* do momento. O resgate das calças de cós baixo dividiu opiniões sobre ser um item *fashion* e acessível para todos, ou apenas mais uma forma da Indústria da moda excluir pessoas gordas e reforçar a pressão estética. Para aqueles que defendem que a moda é democrática, fica o questionamento: Será que qualquer um pode usar uma calça de cintura baixa? Ela é acessível para corpos não magros, mesmo que sua modelagem não tenha sido pensada para esses? A exclusão de pessoas gordas no mundo *fashion* vai além do preconceito e do olhar retrô-grado da sociedade; que cultiva a magreza e despreza tudo aquilo que a opõe. Faltando acessibilidade nas vestimentas, sendo um dos principais fatores que deixa de lado essas minorias.

A jornalista Mariana Rodrigues, *influencer* e ativista do movimento “body positive” relatou as suas dificuldades para vestir tendências e disse que “várias roupas cabem, mas não vestem”, já que a modelagem não é fabricada para corpos grandes. Carioca e com 34 anos, a jornalista diz que tem uma ligação especial com a moda, segundo ela, isso a ajudou na relação com o próprio corpo: “Sempre estava enfiada em dieta, querendo emagrecer e me achava feia. Encontrar roupas que me vestissem bem me fez mudar”. O ato de encontrar o seu próprio estilo é mais que um prazer ou um bem-estar. A moda é uma ferramenta de comunicação e de expressão, não é à toa que os especialistas em marketing e consultoria de imagem afirmam que este é o cartão de visita.

Por conta do efeito cíclico da moda, além da cintura baixa, estão voltando os saltos de cristal, as alças de silicone, as amarrações, entre outros. Sobre a própria cintura baixa, Mari pontuou que “a maioria das mulheres gordas tem a ‘barriga aevental’ (quando a pele do abdome cai). Ao utilizar uma calça de cintura baixa, a barriga fica por cima do cós da calça e provoca assaduras. [...] É incômodo porque fere”. Todavia, a *influencer* afirmou que essa não é uma tendência gordofóbica, pois as pessoas que ditaram essa moda

fizeram a cintura baixa para ser inacessível até mesmo para aqueles que vestem números pequenos, que possuem curvas. “Eles ignoram o recorte de outros corpos que não sejam super magros, [...] o cós baixo é antidemocrático porque não veste todo mundo”.

O ato discriminatório das marcas em não aderir números maiores acontece de forma proposital, uma vez que há uma demanda significativa de consumidores de tamanhos maiores. O que ocorre é que as marcas não querem ser associadas a corpos grandes, como é o caso da Renner. A jornalista revelou que a empresa criou a marca chamada “Ashua” para atender somente o público de maior numeração, segregando as coleções convencionais das *plussizes*. “Eles separaram isso para não ter a imagem atrelada a pessoas gordas”, revelou. Este comportamento é derivado da associação entre saúde e magreza, já que pessoas não magras são vistas como doentes, a imagem delas é prejudicial para o marketing das marcas.

Moda e os transtornos alimentares

Mais do que moda, o início dos anos 2000 foi marcado pelo surto de transtornos alimentares nas celebridades. As *sex symbols* do momento eram Britney Spears, Paris Hilton e as famosas *Angels* da *Victoria Secrets*, que apresentavam uma magreza irreal, até para elas mesmas. Atualmente, o paralelo dessas “it girls” aqui no Brasil é a Bruna Marquezine, que teve uma significativa mudança corporal em comparação aos últimos anos, tornando-se a principal referência *fashion* das grifes e passarelas.

Se durante as últimas décadas, o ciclo da moda apostou em curvas, seios grandes e siliconados, barriga chapada e corpos com uma estética malhada, agora essa tendência já é ultrapassada. Com a volta do padrão antigo, modelos e blogueiras estão retirando próteses,

preenchimentos e apostando nas lipoaspirações, para se encaixarem, novamente, na estética supermagra. Mas, quando não podem pagar cirurgias (ou não querem), acabam buscando atingir o padrão de outras formas, e é assim que surgem os fenômenos dos transtornos alimentares e de distorção de imagem. A nutricionista Magda Medeiros, docente do curso de extensão em Transtornos Alimentares do Senac, explicou que o culto a esse tipo de corpo não é um fenômeno imutável e que o julgamento da exposição nas redes sociais potencializa. “Quando só se vê corpos magerrimos representados na mídia, cria-se ansiedade.”, garantiu a especialista. Ela ressaltou que qualquer coisa que seja cultuada como belo, causa desejo e anseio de posse. “Quando o corpo magro é cultuado, esse tipo físico é objeto de desejo, pois representa maior aceitação na sociedade, sobretudo na sociedade gordofóbica que vivemos hoje”.

A ditadura da magreza começou com o cinema e se difundiu para a moda com a vinda da minissaia. A estilista Sueli Galindo explica que a moda usa esse padrão de corpo para vender um sonho e a ilusão de um físico ideal. “Assim fazem as pessoas consumirem aquelas roupas e ilusões”. Para a indústria da moda um corpo gordo é minoria entre os consumidores. Sueli explica que as marcas estão mais preocupadas com as vendas: “O interesse é vender rápido, penso que acreditam que não vale a pena investir em tamanhos maiores”. O que se percebe nas lojas é uma falsa inclusão, já que cada vez mais os “tamanhos grandes” diminuem, como por exemplo uma calça que deveria servir em pessoas que usam 46, hoje serve em uma que usa 42. Galindo explica que isso é parte de uma política ilusionista. “Fingem que são democráticos quanto à numeração das roupas, mas continuam atendendo só os tamanhos que vendem mais”.



A moda deve ser para todos

O purista e discriminatório conservadorismo geek

Entenda como o Mundo Nerd deixou de ser um ambiente acolhedor e representativo para se transformar em um lugar recheado de preconceito e opressão

Por Pedro Catta-Preta, Matheus Monteiro da Luz e Ramon Baratella

Ser nerd nem sempre foi “cool”. Antigamente o *bullying* e a violência eram comuns na vida de alguém que pertencesse ao mundo geek. Na escola, fãs de videogames, RPG's e quadrinhos sempre eram excluídos pelas pessoas mais “populares”, aquelas que julgavam o que era certo e errado, inclusive, quem ousasse não se encaixar aos padrões impostos, estaria sujeito a opressão.

De alguns anos para cá, porém, a cultura nerd deixou de ser algo alternativo, agora passa a ser valorizada e domina o *mainstream*. Ironicamente, no entanto, alguns indivíduos que se consideram nerds, ao invés de usar essa sua nova posição de destaque na sociedade para integrar novos fãs e expandir as fronteiras de suas histórias preferidas, preferem promover o ódio e a opressão já vividos por eles.

E mesmo cercados de histórias de cunho obviamente progressistas – como as dos “X-Men”, heróis que lutavam contra o preconceito de todas as formas –, o mundo nerd tem sido tomado por uma onda conservadora e purista que constantemente vira manchete por problematizar praticamente toda a tentativa de representatividade em filmes, séries e adaptações.

Evidentemente, não são todos que promovem esse discurso. Essas ofensas costumam vir daqueles que são conhecidos nas redes sociais como “nerds raiz”, “nerdolas” ou “nerd boomers”. Por vezes, eles mesmos ostentam essas alcunhas. Eles escondem o seu racismo e intolerância no sentimento de nostalgia, com aquele clássico discurso de que “antigamente era melhor”. Não podem ver sequer uma obra que contenha uma representação de alguma minoria que já a taxam como “lacradora”, ou esquerdistas.

Raphael Augusto Alves, estudante universitário e geek, contesta se esse universo sequer já teve uma premissa inclusiva. Para ele, “a comunidade nerd foi realmente criada nesse contexto, mas dizer que ela nasceu em um ambiente de inclusão, é exagerar. Isso porque, aquele jovem que jogava *Dungeons & Dragons* no porão de casa e não se sentia bem-vindo no resto das atividades, partia naturalmente para a exclusão. É aquela coisa, quando você não entende como mudar a opressão, você tende a se tornar o opressor. O conservadorismo nasce do medo de mudança. Porque pensam que qualquer mudança que afete uma memória antiga pode ser um grande problema. Então de fato há um purismo. É um conservadorismo nascido de



© @lukaswerneck

Halle Bailey
como Ariel em
desenho de
Lucas Werneck

um preconceito que também gera preconceito. É um ciclo.”

Um dos casos mais emblemáticos causado por esse fenômeno foi quando houve o anúncio de uma Ariel negra para a adaptação com atores reais do filme animado “A Pequena Sereia”, uma das mais famosas princesas da Disney. Os fãs da animação foram à loucura. A exceção foram aqueles que ficaram indignados pelo fato que trocariam a etnia de uma das princesas mais queridas do estúdio.

Em julho de 2019 divulgaram quem seria a Ariel. Muitas fontes apontavam a atriz Zendaya para pegar o papel principal, só que quem levou essa foi a atriz Halle Bailey conhecida por seu trabalho na série *Grown-ish* e por cantar em um duo com sua irmã Chloe Bailey.

Mesmo com debates sobre racismo espalhados pelo mundo todo, Bailey não ficou imune aos ataques feitos pela internet quando por três dias a hashtag “not my Ariel” (não é minha Ariel) ficou nos *trend topics* do Twitter mundial.

Por outro lado, muitos apoiaram a iniciativa, uma vez que personagens racializados das produções dos estúdios Disney geralmente ficam em forma de animais ou de seres inanimados, como a Tiana da animação “A Princesa e o Sapo” e Kuzco de “A Nova Onda do Imperador”.

A dubladora de Ariel na animação de 1989, Jodi Benson, declarou apoio a cantora em sua entrevista para o ComicBook.com. “Não importa nossa aparência por fora, não importa nossa raça, nossa nação, a cor de nossa pele, nosso dialeto, se eu sou alto ou magro, se estou acima do peso ou abaixo do peso, ou meu cabelo e a cor que for, realmente precisamos contar a história”.

Outra situação em que o discurso de ódio dominou as entrelinhas dos “nerds conservadores” nas redes sociais ocorreu logo após o lançamento do primeiro trailer da série “Senhor dos Anéis”, que está sendo produzida pela Amazon.

Por incrível que pareça, o retorno do rico universo de J. R. R. Tolkien não foi motivo para a celebração de alguns de seus fãs, que preferiram concentrar-se em um detalhe com menos de 10 segundos de tela: um dos elfos representados na trama terá pele negra. O assunto rapidamente foi aos *trending topics* do Twitter e, novamente, gerou calorosas discussões sobre a possibilidade de algo tão indiferente. Vale ressaltar que elfos, brancos ou negros, são personagens fictícios que sequer existem.

Episódios como dos elfos interpretados por negros em Senhor dos anéis e da Ariel de Halle Bailey não são casos isolados. Qualquer pessoa que tenha contato com a bolha geek nas redes sociais já presenciou ou irá presenciar uma discussão onde a luta anti-racista é menosprezada.

Infelizmente para o “nerd raiz” a cultura está mudando, queira ele ou não, e, infelizmente, a representatividade negra está deixando de ocupar apenas espaços secundários, inclusive, com inúmeros exemplos disso.

Em um quadrinho do Capitão América, “Truth: Red, White and Black”, há uma marcante história de um Capitão América Negro durante um período de grande tensão racial nos Estados Unidos. Essa trama é aproveitada na aclamada série em *Live Action* da Marvel, “Falcão e o Soldado Invernal”, onde todo o grande público pôde conhecer Isaiah Bradley, esse mesmo Capitão América negro das histórias em quadrinhos, e sua jornada para superar a intolerância do Governo e Sociedade Americana.

A Elitização no Carnaval de 22

A exclusão do espaço público e a privatização de blocos fechados tornou-se um assunto de muita discussão e debate entre críticos e amantes do evento

O julgador do quesito Samba-Enredo nos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro, Clayton Fábio Oliveira, alega: "A festa, o desfile, os blocos são uma característica popular. O Carnaval é popular em sua essência". Entretanto, essa fala se opõe às atuais situações, onde os ingressos para assistir ao desfile na Marquês de Sapucaí, variam entre R\$ 70,00 e R\$ 2 mil. A palavra "popular" significa: "pertencentes ao povo" e "feito pelas pessoas simples, sem muita instrução", essas que, neste evento, foram excluídas.

Parte também da maior festa popular, o desfile das escolas de samba foi afetado de forma drástica com o adiamento, pois o atraso da festa prejudicou os ensaios e todos os profissionais da celebração. Com a reorganização dos desfiles, tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo, as datas se coincidiram, atrapalhando diversos sambistas, sendo um tormento aos sonhos dos apreciadores do samba ter de tomar a decisão entre desfilar na Marquês de Sapucaí ou no Sambódromo do Anhembi. Amantes da folia também tiveram que optar por qual desfile participar, sendo necessário remarcar passagens e vender ingressos. O adiamento foi prejudicial para o desenvolvimento e para difundir os desfiles que têm papel fundamental em nossa cultura e no caráter social.

Apesar das escolas de samba terem sido fortemente afetadas durante a pandemia de Covid-19 os desfiles de 2022 deram exemplos de solidariedade com ações para os mais necessitados,

recolhendo fundos para instituições de caridade através de transmissões digitais solidárias e arrecadando alimentos e agasalhos para doação. As entidades respeitaram rigorosamente todos os protocolos sanitários, voltando a ensaiar somente com a liberação do poder público. Uma festa que depende do canto e da expressão corporal, observava em seus desfilantes o ensaio com o uso adequado de máscaras, mostrando o respeito e a importância de sua existência no mundo carnavalesco.

A falta de preocupação cultural, e apenas o interesse monetário, resultou em um Carnaval para a elite, com falta de preparo público, sanitário e acessível. Isso pois, dentro de tais eventos particulares, regalias sanitárias básicas e obrigatórias foram negligenciadas por aqueles que curtiam sua folia paga. O uso de máscaras e apresentação do passaporte de vacina, marcharam para longe do Carnaval brasileiro.

Além disso, existiu uma incoerência das autoridades públicas nesse aspecto, como foi o caso do infectologista Roberto Medronho que fazia parte do comitê científico do prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes – que criticou a realização dos eventos em janeiro – e foi um dos fundadores do "Bloco Simpatia É Quase Amor", onde existiram festas com ingressos na faixa de R\$ 80 em um clube da Zona Sul carioca.

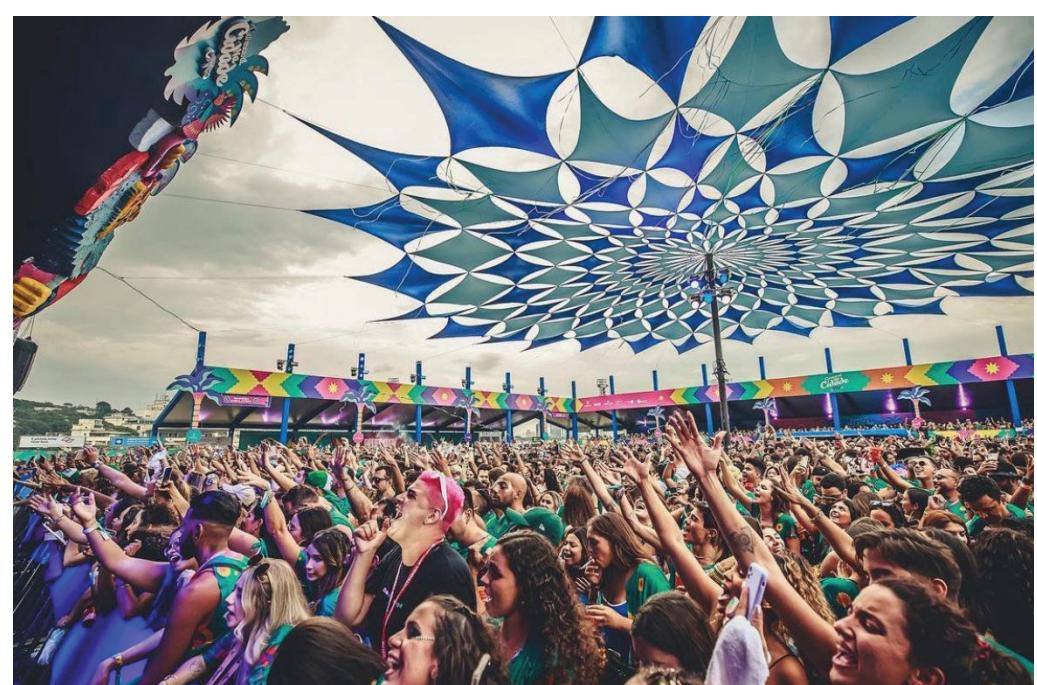
Outro evento conhecido como Carnafarra, que aconteceu em São Paulo

Por Lucas Malagone, Maria Clara Sartini e Vinícius Vilas Boas

A queda nos casos da Covid-19 – resultado do aumento da vacinação – fez o Carnaval de 2022 ser visto como o retorno das pessoas às ruas e ao sambódromo. Porém, após as comemorações de fim de ano, obteve-se uma nova onda causada pelo vírus, sucedendo aos prefeitos e governadores adiarem os desfiles e cancelar os blocos públicos.

No entanto, durante as datas comemorativas, diversos blocos privados exigindo passaportes de vacinação foram autorizados pelos órgãos públicos a serem realizados, desta forma, contradizendo as sanções sanitárias presentes na época, fato que provocou uma revolta popular. Esse fenômeno ocorreu pois o gerenciamento desses espaços e, neste caso, em eventos abertos, tem como tendência o aumento de festas organizadas por empresas privadas e o descaso com as festividades culturais gratuitas.

O Carnaval deste ano deixou para trás sua ancestralidade do acesso às classes pobres e tornou-se um evento comercialmente vendido. A proibição das comuns festas gratuitas nas ruas durante o feriado – que ocorreu por um motivo de política pública desempenhada no controle da pandemia – e a realização de eventos carnavalescos em locais privados, tais como clubes e quadras, evidenciou a elitização do Carnaval, o que em tese, contradiz as medidas organizacionais tomadas nas principais cidades do festival, São Paulo e Rio de Janeiro.



Festa privada Carnaval na Cidade, no Jockey Club de São Paulo, 26/02/2022



© Lucas Malagone

**Volta aos ensaios na quadra da Mancha Verde
após liberação do Governo de São Paulo**

durante o feriado de Carnaval, buscou atender algumas das medidas de segurança. Um participante desta festa privada relatou: "Na entrada do evento foi solicitado a carteira de vacinação junto ao ingresso, no entanto, não foi necessário e tão pouco exigido a demonstração do RG para confirmar se a vacinação estava de acordo ou não. O evento ocorreu na praça de um clube e apenas no percurso da entrada até o palco principal foi requerido o uso adequado da máscara. No entanto, ao chegar no centro da aglomeração, onde as pessoas em momento algum se mantiveram separadas umas às outras, ninguém além dos funcionários, utilizava máscaras". Foi um evento bem organizado, com música e suporte médico, mas somente pessoas de classe média e alta da sociedade conseguiram ter acesso à festa pelos valores exorbitantes dos ingressos.

Mas, afinal, por que somente o Carnaval foi prejudicado durante o retorno das atividades após a vacinação? A resposta, conforme o jornalista, Fábio Fabato, especializado no assunto sobre Carnaval, é o aumento da visão do empresariado em lucrar mais com a festa. Fábio também complementou como é, de certa forma, um atentado à cultura popular, elitizar os blocos na rua que são para o povo: "Quando você fecha a rua durante uma festa popular e entrega para o capital privado, entrega para um empresário tomar conta da festa. Você está colocando a raposa para cuidar do galinheiro. Isso é um grande perigo, porque o Carnaval dá lucro".

Kaxitu Ricardo Campos, que durante anos presidiu a União das Escolas de Samba Paulistanas (UESP) que organiza o desfile de blocos carnavalescos e escolas de samba de bairro e hoje representa as escolas em âmbito nacional, diz que o adiamento vai além, pois enfrenta um preconceito histórico de nossa sociedade. "Eu acho que é uma tentativa de sufocar os eventos culturais populares, e

isso é feito a partir dessas ações. A pandemia, ela tem sido pano de fundo para justamente tentar uma espécie de higienização das atividades da segregação. A escola de samba, ela surgiu desse processo, em 1900, 1910, 1920... Os pobres e os negros eram excluídos dos eventos carnavalescos".

Kaxitu afirma ser uma tentativa de retomar o controle, tentando, novamente, segregar a festa que ganhou um caráter popular. E acrescenta: "Eu vejo como um ataque direto e nós não sabemos o que pode acontecer, né? Uns dos fatores de controle, um dos fatores de equilíbrio social, também são as suas manifestações culturais, então, quando se tira essa possibilidade popular dos grupos poderem ser

realizados, isso pode causar uma tensão social no futuro sem precedentes. E uma forma deles fazerem isso é primeiro dizer que os eventos estão liberados, mas que o governo não dá dinheiro, então faz uma asfixia desses eventos".

Com diversos blocos partindo para festas privadas, Kaxitu ainda acredita que os blocos populares e o Carnaval irão resistir conforme suas características históricas. "Nós vamos resistir, é a única coisa que eu acho que pode acontecer, como vai ser, se vai transformar muito, isso eu não teria como responder, mas o Carnaval popular é um processo de resistência, a escola de samba também é um processo de resistência, e eu tenho certeza que essa resistência vai continuar vencendo".



© Gustavo Schiappati

**Festa privada no Clube
Esperia – Espaço Seringueira,
27/02/2022**

O “hype” dos filmes de heróis que alcança adultos, crianças e a academia de cinema

Atualmente esse gênero tem atingido números recordes, sucesso em bilheteiras, vendas de produtos e quantidade de “likes” nas redes sociais. Mas o que explica esse fenômeno?

Por Flavia Cury, Gustavo Pereira
e Paula Moraes

No ranking atual de maiores bilheterias mundiais do cinema, quatro de dez filmes são produções da Marvel Studios. No Oscar 2022, com a nova categoria de votação popular, os filmes do gênero “Super-Heróis” se destacaram, sendo indicados e ficando pelo menos entre o top cinco mais votados. A Liga da Justiça de Zack Snyder (2021) foi o vencedor de momento mais icônico da história do cinema.

Outros exemplos também mostram esse reconhecimento, como Homem-Aranha no Aranhaverso (2018) levando o título de Melhor Animação, Heath Ledger e Joaquin Phoenix recebendo a estatueta de Melhor Ator Coadjuvante e Melhor Ator pelo vilão Coringa, até Pantera Negra (2018), indicado a sete categorias, incluindo a de Melhor Filme.



Fãs fantasiados para assistir ao filme Homem-Aranha: Sem Volta Para Casa, em Belo Horizonte

O sucesso dos filmes de heróis tem sido tão grande que extrapola o mundo cinematográfico e influencia a economia. A cada lançamento, novos colecionáveis, camisas, jogos e outros produtos são lançados. O faturamento do setor de licenciamento desses artigos chegou a 20 bilhões de reais em 2020.

Um estudo feito pela Rakuten Digital Commerce mostrou que o público geek gasta 40% mais que a média do país. Exemplo disso é o crescimento da “Piticas”, uma das principais lojas do mercado nerd nacional, que em 2020 chegou à marca de 230 franqueados e 454 estabelecimentos pelo Brasil. A marca também registrou um aumento médio de 20% nos últimos cinco anos antes da pandemia.

“Você não está consumindo o produto, está consumindo um desejo de se parecer

uma determinada maneira, de tornar fácil para que outros te identifiquem como pertencente a um grupo social”, afirma a neurocientista Patricia Bado. “É uma forma das pessoas se conectarem com as outras, de estarem imersas numa conexão com outros que também compartilham esses gostos.”

Existem diversos exemplos de opiniões que reúnem um grupo de pessoas: futebol, ideologias e o próprio universo geek. “As pessoas se reúnem ao redor de personagens que representam algo para elas, e isso faz com que demonstrem isso para o mundo”, segundo Bado.

“Os filmes de heróis engajam muitos os fãs. Logo após a sessão eles já buscam discutir com os amigos, procuram conteúdo na internet”, complementa a jornalista Patricia Gomes. “E claro, muitos voltam à sala de cinema para sentir aquela emoção coletiva de viver aquela experiência com outros fãs novamente.”

Nos últimos anos, a Comic Con se tornou o principal evento de encontro de fãs da cultura pop. A reunião, que busca trazer atores, produtores e cartunistas, bateu o recorde de público na edição de 2021, com a Comic Con World, a segunda edição do evento online com mais de cinco milhões de pessoas em dois dias. Já na versão presencial, o Brasil tem o maior público desde 2017, reunindo mais de 220 mil pessoas.

As redes sociais têm sido fundamental para o crescimento da popularidade desse gênero de filmes, como repara a jornalista: “agora, ser nerd é cool”.

Outro dado que comprova essa realidade, é uma pesquisa realizada em 2021 pelo Twitter, que apresentou os filmes e séries mais discutidos na rede. Nessa escala, seis filmes de heróis estão no top 10 e quatro séries desse mesmo gênero se destacam no ranking. Além disso, esse debate na internet faz as pessoas frequentarem mais estreias no cinema, para evitar os tão temidos spoilers.

O relacionamento construído durante anos com esses filmes também é importante. Os fãs são fascinados pela ideia de acompanhar, desde a infância, o desenvolvimento do seu herói preferido. A jornalista ainda relata: “Sempre fui muito fã de fantasia, quando criança, me encantei por Harry Potter, Senhor dos Anéis e Homem-Aranha. Vi o primeiro filme dirigido por

Sam Raimi, em 2002, e achei incrível como tudo ali, apesar de ser fantasioso, era na “vida real”. Desde então, fui acompanhando os lançamentos, mesmo em uma época em que não se falava muito disso, e, ver esse mercado crescendo hoje cada vez mais, me traz a mesma felicidade daquela menininha de 12 anos que viu o Homem-Aranha pela primeira vez na telona.”

“Quando a gente assiste alguma coisa, temos a capacidade de se colocar no lugar desse personagem. Então, essa imaginação com poderes absolutos é uma coisa do ser humano, de se achar super poderoso, imaginar como seria viver num mundo se tivesse superpoderes, sem restrições”, aponta a neurocientista.

Além disso, existe a questão do exemplo ético. Ela conta sobre um experimento feito com crianças no qual são mostrados símbolos em determinada situação – “por exemplo, um quadrado perseguindo um triângulo, e aí chega o terceiro, um círculo, e ajuda o quadrado a escapar”. Essas crianças, de até mesmo 10 meses de idade, quando sugerida a escolher um dos símbolos, escolhem o círculo. Essa escolha demonstra que, desde pequenos, procuramos este ideal de virtude.

Bado também cita uma matéria do site The Atlantic, intitulada “Why Do People Like Superheroes? Don’t Ask a Psychologist” (“Por que as pessoas gostam de Super Heróis? Não pergunte a um psicólogo”, em português), na qual se diz que os super-heróis poderiam ser mitologias da modernidade. Essa colocação é feita porque sempre buscamos deuses e, atualmente, eles ocupariam esse papel, simbolizando a moral.

O próprio nicho vem brincando com essa percepção. Produções recentes, como The Batman (2022), a série The Boys (2019) e a animação Invencível (2021), têm questionado essa simbologia do herói como alguém puro. Em todas essas mídias, figuras que reconhecemos como honrosas tem sua ética colocada em cheque e por muitas vezes se provam mais depravadas do que dignas.

A grande dúvida que surge é se o sucesso dos filmes de heróis tem prazo de validade? Para Gomes, essa indústria veio para ficar. Mesmo que alguns conceitos saturem, essas produções se reinventam. “Ao mesmo tempo em que temos um filme artístico como “Coringa”, também temos um filme-evento como “Homem-Aranha: Sem Volta pra Casa”. Os estúdios estão adaptando as linguagens dos filmes para que, mesmo dentro de uma “fórmula”, tenhamos algo mais focado na fantasia, outro voltado ao terror, e por aí vai.”

© Reprodução twitter

A dublagem como democratização do acesso ao entretenimento

Mais que tradução, a dublagem brasileira é um instrumento de inclusão

Por Anna Cecília Nunes, Giulia Aguilera e Ricardo Dias de Oliveira Filho

Em 1927, chega ao cinema o primeiro filme dublado do mundo, "O Cantor de Jazz". Até então, todas as produções eram silenciosas, sendo só na época do cinema sonoro que os telespectadores puderam ouvir as vozes dos personagens. Com o passar do tempo, a dublagem foi sendo aperfeiçoada até se tornar um dos elementos mais importantes em um filme.

Dublagem é, em sua essência, a substituição da voz e da interpretação original de uma produção audiovisual pela voz de um outro ator, com intuito de traduzir um idioma para outro ou, até mesmo, melhorar a qualidade do som quando ocorre algum problema na sua captação.

O debate sobre a preferência por conteúdos dublados ou legendados está cada vez mais constante nos grupos de amigos, família e conhecidos. À medida que o mercado estrangeiro ganhou força na indústria de entretenimento brasileiro, a divergência de ideias apenas ascendeu.

A dublagem brasileira é considerada e reconhecida internacionalmente como uma das melhores do mundo, contando com diversas indicações e prêmios. Inclusive, ela está presente na memória afetiva do público, já que as vozes das dublagens marcam os filmes e séries que passavam na TV aberta. Elas ajudam não só a caracterizar os personagens favoritos das telonas, como também adaptá-los para uma realidade mais próxima dos telespectadores. Alguns dos exemplos mais notáveis são as dublagens de Jim Carrey e Julia Roberts feitas

por Marco Ribeiro e Andrea Murucci, respectivamente.

Silvio Giraldi, ator, dublador e diretor de dublagem, já deu voz a personagens como Will Schuester, de Glee; Daryl Dixon, de The Walking Dead; Gohan, do anime Dragon Ball; entre outros. E em conversa com o **Contraponto**, conta que recorreu à dublagem como uma alternativa após enfrentar uma falta de recursos financeiros enquanto ator. "Um dos papéis [da dublagem] é dar acesso a tantas obras estrangeiras de forma 'imersiva', promovendo uma experiência única de mergulhar em uma história, a ponto de desfrutar o que chamamos de uma 'catarse', que pode ser entendida como 'transformação'".

Ele ressalta ainda que a dublagem como profissão vem crescendo no Brasil e tornando-se mais conhecida. "Em um passado relativamente recente, a dublagem era um trabalho 'anônimo'. Ninguém nos conhecia e havia um certo preconceito – inclusive da própria classe artística – sobre os atores na dublagem. [...] Os dubladores não tinham seus nomes nos créditos dos filmes e não queriam que seus colegas soubessem que eles estavam na dublagem", explica.

O analfabetismo e a dublagem

Apesar do prestígio, existe um argumento de que "a dublagem estraga" as obras. Na verdade, ela possui um papel importante para as pessoas analfabetas que, uma vez que não podem ler legendas, dependem exclusivamente dela para a compreensão da história.



Silvio também é professor da Universidade de Dublagem, em São Paulo, e comenta: "Durante muito tempo, as pessoas tinham vergonha de preferir ver filmes dublados para não serem taxadas de analfabetas, quando na verdade a dublagem é uma opção cultural."

Segundo pesquisa divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 11,041 milhões de pessoas não sabem ler e escrever no Brasil. A grande maioria deles – cerca de 76% – são de cor parda ou negra, incluindo crianças de até 15 anos de idade. Os dados são da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD).

Por isso, entende-se que produtos audiovisuais legendados não podem ser consumidos por grande parte da população – fora as crianças que ainda não chegaram à idade de alfabetização e, portanto, não têm outra opção a não ser consumir produtos dublados. Desse modo, mais do que simplesmente tradução e caracterização, a dublagem significa também acessibilidade para esse público.

Com o crescimento de canais streaming e de conteúdos sendo produzidos a todo vapor, a dublagem será cada vez mais indispensável.



A visibilidade do cinema nacional na cinematografia mundial

Produções e artistas brasileiros ganham visibilidade mundo afora, mas ainda há um longo caminho a ser percorrido



Atores brasileiros e estatueta do Oscar

Por Catarina B. Pace e Tabitha Ramalho

Acultura brasileira ganha seu espaço mundo afora. Recentemente, a atriz Bruna Marquezine anunciou que protagonizará “Besouro Azul” (2023), um longa da DC Comics. A atriz Maria Fernanda Cândido também ganhou um papel de destaque na sequência de “Animais Fantásticos: Os Segredos de Dumbledore” (2022).

A presença de brasileiros no cinema internacional, inicialmente, foi marcada com Rodrigo Santoro no filme “Simplesmente Amor” em 2003. Santoro abriu portas para outros artistas em Hollywood, como Alice Braga, Wagner Moura e Morena Baccarin.

A representatividade dos atores no mercado global é uma tendência que cresce e as plataformas de streaming são os principais disseminadores do conteúdo midiático brasileiro para o mundo.

A cantora e atriz Carmen Miranda foi uma das principais pioneiras desse movimento. Márcio Rodrigo, crítico de cinema, doutor em Mercado e Política de Audiovisual e professor dos cursos de Cinema, Audiovisual e Publicidade e Marketing na ESPM-SP, relembra o sucesso de Miranda, que, ainda nos anos quarenta do século passado, participou de filmes em Hollywood.

Carmen Miranda representou o Brasil durante sua trajetória e levou a cultura brasileira ao reconhecimento. A própria vestimenta de baiana, adotada a partir do longa “Banana Da Terra” (1939), revela o estereótipo na sua carreira.

A fama internacional da cantora foi alavancada no contexto da Segunda Guerra Mundial. Os Estados Unidos buscavam aproximação com os países latinos e isso contribuía para a exportação.

Porém, mesmo com as portas de Hollywood abertas, os brasileiros ainda encontram dificuldade para consagrar sua profissão. O maior obstáculo para chegar ao mercado internacional é o desprestígio do nacional pelo público.

“A desvalorização do nosso cinema é uma questão histórica: ainda na década de 10, as pessoas já comparavam os filmes produzidos no Rio de Janeiro e em São Paulo aos de origem europeia e, depois, com as obras feitas pelos Estados Unidos – atualmente considerados o padrão de referência. A partir daí aceitamos a ideia de que um bom cinema é desenvolvido com muitos efeitos especiais, direção de arte muito forte e uma narrativa cinematográfica clássica”, relata o professor.

Por mais que as obras brasileiras possuam investimentos e sigam as diretrizes de produção mundial, os telespectadores precisam se desvincular da “síndrome de vira-lata” e do “vício” de querer assistir sempre o mesmo tipo de história produzida por Hollywood.

Márcio explica que “o Brasil, como todo país do mundo, tem seu próprio modo de contar histórias. Tem os seus temas e assuntos que são caros, as questões que são importantes para estarem no cinema naquele momento, seja para fazer uma comédia, um drama ou qualquer outro gênero”.

A autenticidade nas produções é representada em filmes como “O Auto da Comadecida” (2000), “Que horas ela volta” (2015) e “Bacurau” (2019), exemplos de histórias brasileiras criadas para o povo brasileiro, mas que podem ser apresentadas ao mercado internacional como grandes exemplos da nossa cultura.

A série original da Netflix, “Cidade Invisível” (2021), também chamou a atenção e, segundo o UOL, foi listada no top 10 de mais de 40 países. A produção retoma o folclore e, curiosamente, acabou ganhando um sucesso além da fronteira.

Entretanto, as fórmulas hollywoodianas são mais atrativas e conquistam facilmente os telespectadores. O crítico comenta sobre como o público brasileiro está preso na procura pelo consentimento e como isso interfere nas produções.

“Nós precisamos aceitar nosso cinema, nossas próprias realizações audiovisuais, entendermos a importância disso e nos colocarmos com nossos traços característicos locais de produção”, finaliza.

Em 1999, a atriz Fernanda Montenegro foi indicada ao Oscar de Melhor Atriz pelo filme “Central do Brasil” (1998), e infelizmente não levou a estatueta. Sua indicação foi um marco para o país, já que foi a primeira mulher brasileira a concorrer a uma renomada premiação. Por esse e outros motivos os fãs criaram uma necessidade de ter um Oscar em sua vitrine, imaginando que isso fará o cinema nacional ser reconhecido mundialmente.

“Enquanto a gente não se livrar desse fantasma de que nunca ganhamos o Oscar, nós nunca vamos ganhar um. E a pergunta que a gente tem que se fazer é: por que para nós é tão importante ganhamos o Oscar e o dia que nós ganhamos, o que representará para o nosso cinema? Vai mudar alguma coisa, vamos ter superado mais um trauma ou continuaremos da mesma maneira? Volto dizer, precisamos superar essa visão altamente colonizada que nós temos do cinema”, contextualiza o professor.

A falta de disponibilidade de conteúdos nacionais em canais abertos e o descaso da população em procurar consumi-los, é um erro em nossa matriz cultural e que acarreta na impopularidade dessas obras cinematográficas. “A gente não ensina desde o ensino básico a importância de se assistir filme brasileiro. E hoje a grande formação de matrizes, especialmente das pessoas mais jovens do mundo, passa pelo áudio visual. Então é importante explicar para as pessoas o que é, de onde e porque veio esse cinema”, conclui o crítico Márcio Rodrigo.

Para onde vamos?

Ao questionar nosso destino, uma viagem de Uber resgata um antigo dilema filosófico

Por Esther Ursulino

Há algumas semanas presenciei uma discussão dentro de um Uber. Tudo começou com o motorista tentando acabar com aquele silêncio constrangedor, característico de ambientes onde nem todos se conhecem. Passamos boa parte da viagem calados, até que, de repente, ele disse:

— Vocês sabiam que até 2030 todos os carros vão ser elétricos? – Perguntou, empolgado.

— Sério? E como isso vai funcionar? – Respondeu minha tia, que me acompanhava na viagem.

— Não sei bem, mas vi por aí que os carros vão ter uma placa que transforma luz solar em energia. Daí nem vão precisar mais de gasolina.

— Nossa! Es os postos de combustíveis, como vão ficar?

— Ah, sei lá... vão sumir, né?

— Pois é... será que ainda vamos estar aqui para ver isso?

— Ah, acho que sim. 2030 não está tão longe.

— Bom, se Jesus não voltar até lá para o dia do juízo final, talvez. Ainda bem que, se isso acontecer, eu vou para o lado do meu Senhor. Tomara que ele venha logo.

— Tomara que não! Quero ficar aqui mais um pouco.

— Ué, e você não quer ir para o céu?

— Ah, senhora, não acredito nisso. Depois que a gente morre, tudo acaba. O que a gente tem que viver é aqui, na Terra.

Nesse momento, uma tensão tomou conta do lugar, pois os dois tinham visões opostas sobre o sentido da vida. Começaram a discutir. Conforme traziam seus argumentos, eu, em 2022, fui transportada à Grécia Antiga – de Uber!

Ouvindo minha tia lembrei de Platão. Assim como o filósofo grego, ela diferenciava o mundo sensível do mundo das ideias. Entretanto, adaptava esses conceitos para o contexto do cristianismo.

Para ela, o mundo que conhecemos é falho, instável e efêmero. O céu, ao contrário, seria o lugar da perfeição, da certeza e da eternidade. Sendo assim, a morte já não symbolizaria o fim da vida, mas uma passagem para um plano melhor – um plano onde as maravilhas criadas pelo homem, como os carros elétricos, não chegam aos pés das maravilhas divinas que aguardam os servos de Deus no paraíso.

O motorista, por sua vez, era um amante das inovações terrestres. Por isso, não tinha pressa alguma em partir desse plano. Assim como Aristóteles, acreditava na dimensão palpável da vida, na qual o conhecimento é produzido através dos sentidos e da experimentação. Ou seja, os carros elétricos,



Releitura da obra “Escola de Atenas”
de Rafael de Sanzio

para ele, não são meras sombras refletidas na parede de uma caverna. Eles de fato existem, pois podem ser tocados.

O bate-boca se estendeu durante a viagem. Tentavam, incansavelmente, convencer um ao outro de que seu ponto de vista era o correto. Perda de tempo. Enquanto um apontava o dedo para cima, outro estendia a mão para baixo – igualzinho às representações de Platão e Aristóteles em “A Escola de Atenas”, famosa pintura de Rafael de Sanzio.

Fiquei quieta durante todo trajeto, analisando as duas posições. Por vezes, os dois me olhavam em busca de gestos que legitimassem seus argumentos, como uma afirmação feita com a cabeça. Entretanto, não consegui emitir nenhum veredito. Apenas achava graça naquela situação arcaico-moderna.

No fim da corrida, minha tia, de cara fechada, acertou as contas com o condutor – que provavelmente a deu uma péssima avaliação no aplicativo de transportes. Ela virou as costas e ele deu a ré, ambos irredutíveis em suas convicções.

Mais tarde, ainda pensando sobre o ocorrido, percebi que a transformação dos carros e a possibilidade de os postos de combustível desaparecerem denunciou a finitude das coisas. Afinal, se o que é concreto hoje pode desaparecer amanhã, nós também podemos.

Heráclito já havia sacado isso há muitos séculos quando disse que “nada permanece, exceto a mudança”. O dilema é: como lidar com a incerteza do amanhã?

Alguns, assim como titia, buscam conforto em algo imutável, como Deus, que lhes dá a garantia de uma vida estável e sem aflições após a morte. Outros, como o motorista de aplicativo, se apegam àquilo que podem conhecer. Aproveitam ao máximo o aqui e agora. Entretanto, por mais racionais que pareçam, também vislumbram uma dimensão irreal: criam o futuro – e se veem nele! – quando o que existe é apenas o presente.

Ambas as posições são legítimas e cumprem muito bem a função de nos distrair do medo da morte. Quem sou eu para julgá-las incorretas? Também busco um sentido para a vida. Só sei que, enquanto eu estiver aqui, e os postos de combustível também, usarei meu tempo para reclamar do preço da gasolina.

FIFA e UEFA tomam medidas contra a Federação Russa após início de conflitos armados

Exclusão das competições demonstra a tentativa das instituições de isolar o país e sua economia do resto do mundo

Por Lucca Cavalheiro, Thomáz Guarizzo, Sophia Dolores, Maria Luiza Costa e Beatriz Porto

A tensão entre Rússia e Ucrânia resiste desde o fim da União Soviética. Em 2014, com a tentativa ucraniana de aproximação do Ocidente por meio da OTAN e depois com a anexação da Crimeia pela Rússia, o desconforto entre os países se intensificou até alcançar à mínima neutralidade. Entretanto, a crise entre as nações voltou a aumentar com a concentração de tropas russas na fronteira com a Ucrânia. Após promessas de não invasão ao território ucraniano, o conflito bélico entre os dois países iniciou no dia 24 de fevereiro deste ano, quando o presidente russo Vladimir Putin ordenou o avanço das tropas em direção ao país vizinho. Como forma de punir a Rússia, diversas entidades e países têm tomado medidas que afetam o país até mesmo no esporte.

A fim de buscar intimidar o presidente russo e fazê-lo parar a invasão na Ucrânia, os Estados Unidos, a União Europeia e outros países aplicaram sanções à Rússia. Dentre as medidas adotadas está o congelamento dos ativos do Banco Central Russo pelo Canadá, Japão, EUA e países europeus. A providência foi tomada com o intuito de impedir que a Rússia utilize as reservas para amenizar os efeitos das sanções. Outra ação para tentar conter o conflito foi o fechamento do espaço aéreo de países como Turquia e Reino Unido, por exemplo, para voos russos.

No entanto, as sanções não se limitaram apenas à área econômica e chegaram aos estádios de futebol. As primeiras punições contra a Rússia, no que diz respeito aos campeonatos, vieram no dia seguinte à invasão do país na Ucrânia. No dia 25 de fevereiro o Comitê Executivo da União das Federações Europeias de Futebol (UEFA)

decidiu transferir a final da Liga dos Campeões de São Petersburgo para Paris. Além disso, foi decidido que jogos não serão sediados pelo país até segunda ordem.

Depois das duas primeiras medidas tomadas, no dia 27 de fevereiro, foi a vez da FIFA publicar quais seriam suas ações em solidariedade à nação ucraniana. Além de também não poder sediar disputas em território nacional, a presença de torcida russa não seria permitida nos estádios, bem como a seleção não poderia ter sua bandeira hasteada e seu hino cantado. Além disso, a seleção deveria mudar seu nome para União de Futebol da Rússia, na tentativa de dissociar o time de seu país de origem. Essas intervenções foram adotadas uma a uma, até que, enfim, a seleção foi oficialmente excluída da Copa do Mundo de 2022.

A Rússia já vinha sofrendo banimentos no mundo do esporte antes mesmo do início da guerra com a Ucrânia. Ainda no ano passado, nos Jogos Olímpicos de Tóquio, o país também não pode usar seu nome e seu hino por um escândalo de doping nos últimos anos. A decisão ocorreu em virtude das alegações de que o governo da Rússia apoiou e acobertou o doping dos atletas nos Jogos Olímpicos de Inverno de Sochi, em 2014.

Em entrevista ao **Contraponto**, João Abel, colunista da editoria de Esportes do *Estadão*, afirma que as sanções que a



© Reprodução/ge.globo.com

Comitê Olímpico Russo nas Olimpíadas de Tóquio 2020/21

Rússia vem sofrendo mancham a imagem que desde a União Soviética vem sendo construída dentro do esporte. "A Rússia sempre viu no esporte uma maneira de exercer uma certa influência. Se existia uma dificuldade econômica em relação à União Soviética, eles tentaram 'bater de frente', com o esporte e com outros elementos de cultura", diz.

Abel afirma que existe um preconceito denominado "russofobia" principalmente depois dos últimos escândalos no meio esportivo e político. "Se é da Rússia, com certeza usou doping, [...] se é da Rússia, com certeza está ligada ao Putin", complementa.

Para o **Contraponto**, Ubiratan Leal, comentarista do grupo de canais esportivos da Disney, disse que, para ele, o principal motivo da exclusão da Rússia (e dos times russos) das competições da FIFA e da UEFA, é a tentativa das instituições de isolar o país e sua economia do resto do mundo.

"É claro que é uma atitude polêmica, é uma atitude que tem gente que contesta [...] Mas por outro lado tem um argumento conceitual que também acho que faz sentido, é que a Rússia no momento não está aceitando as diretrizes e os procedimentos da comunidade internacional na forma como faz essa invasão contra Ucrânia, daí você dá um motivo da comunidade internacional falar 'você não quer seguir a gente, você então você fica brincando lá com seus amigos, aqui com a gente você não vem brincar', então acho que que existe esse argumento", comentou.

Ele ainda completou: "Há muita gente ligada ao futebol da Rússia, entre cartolas e dirigentes, são pessoas do círculo direto de influência do Putin na economia russa,



© RFS.RU

União de Futebol da Rússia masculina

são os oligarcas. Então, criar algum nível de pressão e desconforto nessa turma pode incentivar que eles vão lá e de alguma forma façam algum tipo de pressão no Putin para mudar a sua atitude em relação à Ucrânia".

O que acontece no campo, fica no campo, e dificilmente as equipes levam para casa castigos e punições estabelecidas pelas organizações, como foi o caso dos Estados Unidos, que em 2003 invadiu o Iraque, por conta das falsas armas de destruição que o país do Oriente Médio teria "ocultado". A guerra entre o país americano e o Iraque durou até 2011 e matou mais de 60 mil militares e mais de meio milhão de civis. A FIFA e a UEFA nunca baniram os EUA por seus crimes de guerra. Assim também a Arábia Saudita, país vizinho ao Catar, que é sede da Copa do Mundo de 2022, que desde 2014 bombardeia e mata milhares de civis no Iêmen para garantir influência política, e não sofreu nenhum tipo de repressão por parte das organizações internacionais de futebol. Duas situações militares que podem ser comparadas ao

que ocorre entre Rússia e Ucrânia, mas com finais diferentes.

Para João Abel, o motivo desses países não serem banidos no esporte tem relação com a ameaça de uma alteração na ordem mundial. "Você tem uma série de conflitos pelo mundo. Agora, quantos desses conflitos ameaçam mudar a ordem mundial? Um conflito entre Arábia Saudita e Iêmen, ou mesmo as bombas que os Estados Unidos lançam na Síria, não

mudam a ordem das coisas. Estou tentando mostrar o pensamento internalizado dentro da Fifa e de outras instituições, União Europeia [...]. Essa briga contra a Rússia foi comprada pois eles entendem ser uma ameaça ao mundo ocidental, ao mundo global. Então, por isso existe uma sanção à Rússia e não aos Estados Unidos [...]. A Rússia afeta um cenário geopolítico do mundo, afetando, de certa maneira, até o futebol".



Painel da FIFA

© Reprodução/Placar

Leia na íntegra a entrevista com o comentarista da ESPN, Ubiratan Leal, para o jornal **Contraponto**.

Contraponto Para você, é justo a seleção e os clubes russos serem punidos, por conta de um conflito que seu governo iniciou?

Ubiratan Leal Eu acho justo nesse aspecto da Rússia não estar aceitando fazer parte da comunidade internacional por um lado, então não faz parte de nenhum lado. É claro que isso é um argumento muito hipócrita porque vários países do mundo violam direitos humanos, fomentam guerras, fomentam grupos guerrilheiros, fomentam terrorismo. Sabemos que é uma grande hipocrisia, isso tem que ficar bem claro, mas pensando apenas no caso da Rússia, sem pensar nos outros casos, não é porque se erra com um país que vai errar com a Rússia. Eu acho que é justificável nesse aspecto.

CP Em 2021 tivemos a Olimpíada de Tóquio, com a Rússia banida de competições após um escândalo de doping. A sigla ROC (Comitê Olímpico Russo) foi a saída para que os atletas russos não perdessem o ciclo olímpico. Agora, em 2022, sabemos que o contexto dos times russos saírem de competições esportivas é totalmente diferente. Na sua visão, qual o peso da Rússia estar "perdendo seu espaço" em competições esportivas, tanto para quem acompanha de fora o desempenho dos atletas, quanto para os próprios, que acabam sendo desmotivados de suas profissões?

UL Não faz muita diferença. 'Não é a bandeira russa, mas todos sabemos que é a Rússia, a torcida torce como Rússia, os patrocinadores dos atletas agem como se fosse a Rússia, não muda nada'. Agora, ficar de fora das competições eu

também acho que não faz muita diferença, pelo menos por enquanto. Creio que será um problema se esse isolamento russo durar mais de uma geração, se a Rússia ficar fora agora da Copa do Mundo e, eventualmente, ficar fora dos Jogos Olímpicos de Paris. Vai ter um impacto, alguns atletas russos vão perder grandes oportunidades de medalhas porque eles estariam no auge. Mas depois a Rússia recupera. A Rússia, por ser uma estrutura forte de esporte, vai continuar investindo e eu imagino que quando o país for readmitido no esporte internacional vai colocar uma 'grana' para mostrar que ela era boa.

CP Você acha justo que a seleção russa seja excluída das eliminatórias da Copa, sendo que essa será sediada por um país com histórico de violação dos direitos humanos?

UL Eu acho que é justo que a Rússia fique fora da Copa, o que eu acho injusto é o Catar estar na Copa do Mundo no território dele. Acho que um erro não justifica o outro. Não é porque acompanhamos cotidianamente que a FIFA comete um monte de hipocrisia, com um monte de países, que quando faz com um esteja errado. Na verdade está certo, tem que fazer com os outros também. A questão é que a Rússia fica na Europa, então uma invasão russa da Ucrânia ameaça a OTAN, ameaça a Europa Ocidental. Eles se veem ameaçados de uma influência da Rússia no quintal deles, então eles não gostam. Se for os aliados no Oriente Médio, eles não dão importância, a gente sabe o que é isso. Mas um erro não justifica o outro, acho que o erro está no Catar, o erro não está na Rússia.

Discurso de ódio no futebol: passamos do limite?

Falas recentes despertam o debate sobre o critismo nocivo e o saudável

Por Lucas Malagone, Marcello Toledo, Helena Guimarães e
Rafaela Reis Serra

Ofutebol sempre foi e deve ser atrelado aos sentimentos. Ter um time de coração é quase que inerente a um indivíduo, oferecendo uma sensação de pertencimento igual à própria pele. Com ele nós choramos, vibramos e rimos. Ao mesmo tempo que vivemos sentimentos negativos como raiva, fúria e agressões.

Não é de hoje que vemos aversão ou discursos de ódio atrelados ao futebol: as arquibancadas sempre foram também lugares de xingamentos, de gritos e até brigas.

Seria um engano separar o esporte dos movimentos da sociedade, como se fossem duas áreas completamente diferentes. É importante compreender que determinados atos estão ligados à época em que as pessoas estão inseridas e são manifestadas no meio esportivo.

José Paulo Florenzano, professor do curso de Jornalismo da PUC-SP, faz esse paralelo: "é possível rastrear a existência desse discurso de ódio, dentro e fora do futebol, em determinadas conjunturas históricas. Como por exemplo, às vésperas do golpe de 1964, em que se existia um contexto marcado pela polarização ideológica e pelo discurso de ódio."

Florenzano ressalta: "É preciso, então, articular o interno do futebol com o entorno do futebol, para entender a força e o significado desse discurso."

As brigas entre torcedores eram frequentes décadas atrás. As torcidas organizadas surgiram, a princípio, com a intenção de apoiar os times e fazer uma bonita festa na arquibancada. No entanto, além das comemorações, elas também vieram para proteger o torcedor comum, tomando a dianteira nas enormes e prolongadas brigas que ocorriam entre torcidas nos anos 1970 e 1980.

Engana-se quem diz que o dilema da violência é justamente as organizadas, sendo que o problema se insere de forma estrutural na sociedade e as brigas são apenas o reflexo disso. A dinâmica brasileira foi marcada por décadas conturbadas durante a ditadura militar e, agora, com uma comunidade ainda mais dividida e pautada pelo ódio.

O professor reafirma: "vivemos um ódio à democracia, em que há uma polarização ideológica que atravessa as relações sociais no Brasil e no mundo. A ascensão da extrema direita acirrou este cenário, que influencia de alguma maneira a área do esporte. Não é algo fora da sociedade e, por isso, é necessário contextualizar."

Atualmente: redes sociais

Nos últimos anos um novo fator surgiu na jogada: as redes sociais. Essas ferramentas usadas por jornalistas como meio de informação e engajamento com o público, vêm sendo utilizadas também para difundir o ódio e, dessa forma, viralizar conteúdo que alimente as mídias.

Ao mesmo tempo que existem correntes e grupos que apoiam um futebol mais democrático e livre desse cenário, as redes sociais potencializaram esse discurso de ódio que por muitas vezes é alimentado pela própria torcida e prejudica quem trabalha com amor ao seu clube.

É o caso do jornalista Gabriel Amorim, ex "Nosso Palestra" (portal de notícias) e que atualmente está produzindo o podcast "Podporco" – duas mídias voltadas ao público palmeirense. O profissional comenta o fato de hoje em dia lidar bem melhor com o discurso de ódio nas redes sociais, porém afirma que precisou de muita terapia para aprender a conviver com esse ambiente. "Hoje eu tento me pautar na minha convicção independente do que o outro vá pensar, mas não acho que isso prejudique o meu trabalho. Infelizmente, o mundo hoje é assim e lidar com o público te obriga a encarar esse desafio", disse Amorim.

O jornalista explica que as redes lamentavelmente se pautam mais pelo ódio do que mensagens ou conteúdos positivos, ainda mais quando se trata do time de coração num ambiente carregado. "Hoje as pessoas só querem ler o que elas concordam. Hoje tenho muito 'hate' de

palmeirense que não aceita minhas opiniões. Às vezes assumir seu time te coloca ainda mais pressão, ainda mais se você tem uma posição privilegiada dentro do clube. A moda hoje está em ser do contra."

Amorim revela que a população não consegue nem conviver mais com os rivais e que esse ódio ao diferente está formando uma geração que jamais viveu um clássico com duas torcidas: "Isso é muito prejudicial para o debate como para nossa convivência em sociedade."

Caso Craque Neto e Abel Ferreira

Um episódio foi a fala polêmica do Craque Neto, apresentador do programa "Os donos da bola". Na ânsia de criticar o Palmeiras e, principalmente, o técnico Abel Ferreira, Neto disparou ataques pessoais ao treinador e acabou ofendendo a mãe do português.

Durante o programa o ex-jogador afirma: "Você é tonto? O que você quer, [Abel Ferreira]? Que o cara que se formou em jornalismo, o cara que jogou bola [fale de ciência]? Nós estamos te elogiando. O que você quer? E a imprensa não vai em cima? O jornalista tem que falar de ciência? O ex-jogador não pode falar que você mexeu errado?"

E finaliza, citando a mãe do técnico: "A sua mãe sabe mais? Sabe fazer bacalhau, sabe fazer cacetinho? A minha mãe sabe de futebol, talvez a sua não saiba."

Entre outras palavras e ofensas, o ataque de Neto foi motivado pelo fato de Abel ter criticado a imprensa. O ex-jogador tem uma fama de não aceitar nenhum tipo de crítica, ao mesmo tempo que está sempre falando e colocando defeitos no trabalho de atletas e técnicos. Porém, o que vem



O apresentador Craque Neto no programa Donos da Bola

© Reprodução



Jogo entre Santos e Palmeiras, no Pacaembu, em fevereiro de 2020

acontecendo é o fato de jornalistas deixarem de lado o fator “bola e campo” e levarem essas discussões para o lado pessoal, muitas das vezes apenas por ser rival de seu time de coração.

Craque Neto está sempre envolvido em polêmicas, ofensas, entre outros episódios e, após o apresentador assumir esse personagem “polêmico”, sua audiência aumentou consideravelmente.

Logo depois do evento envolvendo o treinador do Palmeiras e por pressão de patrocinadores do programa, como a “FutFanatics”, Neto se desculpou ao vivo e negou que teria ofendido Abel e sua mãe. Ainda se declarou como “melhor ser humano que existe”.

Caso Paulo Morsa e Abel Ferreira

Outro acontecimento foi o de Paulo Morsa, jornalista da Transamérica, que explicitou o fato de sua crítica não ser direcionada ao treinador como técnico, mas sim, como pessoa: “Não estou dizendo que ele é mau treinador. Estou falando que ele como ser humano é uma desgraça, um idiota. Ele é um boçal. Ele não tem educação. Ele é arrogante, ele é prepotente como ser humano. Não estou falando como técnico, que ele sabe fazer”, disse Morsa.

Em resposta, o próprio Palmeiras anunciou que não atenderia mais solicitações da empresa enquanto o jornalista ainda estivesse lá. Logo em seguida, foi publicada pela rádio sua demissão.

Ou seja, mais um exemplo de como o clubismo, a opinião pessoal e o ódio, estão presentes no meio jornalístico esportivo, onde o próprio representante de um veículo midiático deixa claro que sua crítica é totalmente pessoal e dispara ofensas demasiadamente maldosas e pesadas contra Ferreira.

Nesse caso, Morsa foi punido. Porém, esses episódios acontecem todos os dias, na TV, no jornal, nos estádios: o ódio sempre esteve e está presente no esporte. É importante destacarmos a importância de

tais comentários serem punidos, para que o meio esportivo possa se tornar um ambiente mais saudável.

Pedro Alcantara, estudante, torcedor e grande entusiasta do futebol, comenta que no caso Abel Ferreira, “até aqueles que não torcem para o Palmeiras, ficaram revoltados com o episódio.”

Para ele, o discurso não amistoso prejudica o jornalismo e faz com que os espectadores hesitem do trabalho jornalístico, generalizem a mídia esportiva e criem concepções erradas. “O próprio Neto não é jornalista, ele apresenta um programa jornalístico, que tem jornalistas, mas ele mesmo não é jornalista. E, às vezes, as pessoas julgam todo o movimento do jornalismo esportivo, por conta de um cara que nem jornalista é”, afirma Alcantara.

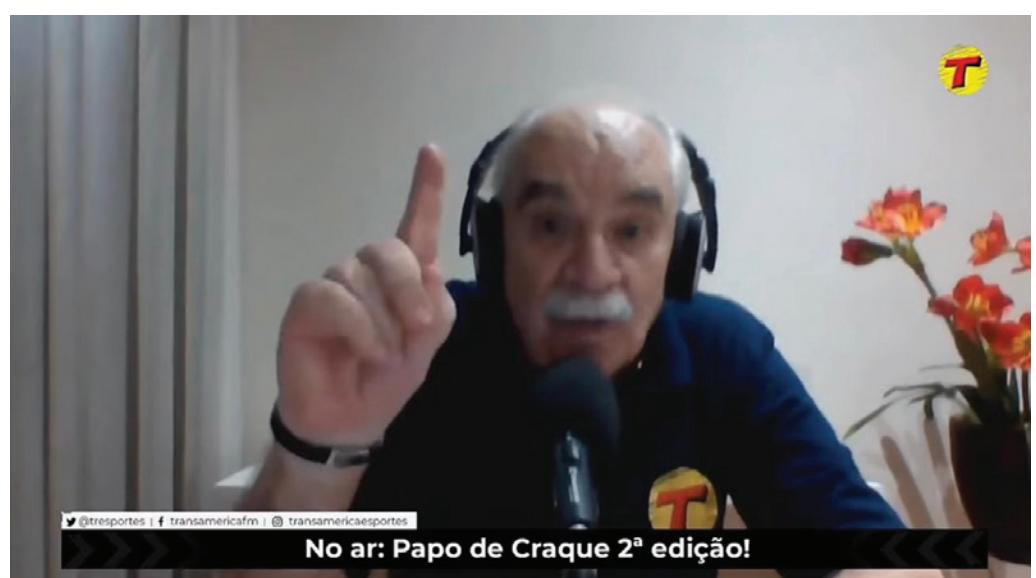
Florenzano explica o ocorrido: “há uma corrente no jornalismo esportivo que sempre teve um caráter mais apelativo, polêmico, voltado para atrair uma audiência de massa. Essa corrente sempre apostou em temas polêmicos e, de alguma maneira, contribuiu para cristalizar esta cultura da intolerância no esporte,

sobretudo no futebol. Mesmo não sendo a principal responsável, ela ainda assim, participa na propagação dessa cultura da intolerância.”

Há uma nova esperança

Segundo o professor Florenzano, a saída mais saudável para todo esse problema é que o jornalismo esportivo está se tornando mais arejado e aberto. “A interlocução dele [jornalismo esportivo] com movimentos sociais e pautas apresentadas no espaço público pelas minorias, acabaram, refletindo nessa mudança de postura geracional. Há uma nova geração muito interessante no jornalismo, que tenta se distanciar dessas identidades fechadas, propondo uma discussão e vivência do futebol, menos pautada pela intolerância.”

Ele ainda finaliza explicando que a relação se mantém saudável enquanto a análise for jornalística, levando em consideração “campo e bola”, sem invadir a vida privada e colocar em questão a moral dos envolvidos. “Isso não significa abdicar da crítica, muito pelo contrário, a crítica deve ser exercida dentro desses parâmetros.”



O jornalista Paulo Morsa no episódio envolvendo o treinador Abel Ferreira.

O mundo dos criadores de conteúdo futebolístico

A partir de opiniões e comentários humorísticos, eles influenciam, informam e conquistam a simpatia do público



© Reprodução/Instagram/@faridgermano

Farid Germano Filho
em seu estúdio

Por Gabriel Tuma, Ian Valente
e Larissa Soler

Um dos trabalhos que ganhou popularidade nos últimos anos foi o dos criadores de conteúdo voltados para o futebol, o maior esporte do mundo, que só no Brasil movimenta R\$ 52,9 bilhões na economia. Alguns são torcedores fanáticos que cobrem seus times do coração e outros que fazem uma cobertura mais formal para empresas jornalísticas, para os clubes ou para as suas próprias redes. Os influenciadores estão em uma onda crescente, nas redes sociais eles já atingem marcas de milhões de visualizações e milhares de seguidores, tornando-os relevantes até mesmo para o jornalismo formal.

Jornalista formado pela PUC-RS, há 35 anos Farid Germano Filho é grêmista e um dos mais famosos produtores de conteúdo para torcidas, como o próprio ressalta “o canal não é para o Grêmio e sim para torcida. Não tenho nenhuma relação com a instituição Grêmio Futebol Porto Alegrense.” Em sua carreira, fez de tudo, trabalhou na rádio gaúcha por

muitos anos, na extinta TVCOM, vinculada ao grupo RBS, em diversos jornais do Rio Grande do Sul e hoje tem seu canal do YouTube, que conta com mais de 134 mil inscritos.

O gosto por jornalismo é anterior à formação escolar “eu comecei a fazer jornalismo mesmo, quando tinha 15 para 16 anos no colégio La Salle, Nossa Senhora das Dores, aqui de Porto Alegre, estava no segundo grau, que seria o segundo ano do ensino médio atualmente”, fez sua primeira entrevista com o então homem gol da equipe porto alegrense campeã da América de 1983, Renato Portaluppi, conhecido popularmente como Renato Gaúcho. Foi nesse momento que o jovem começou sua trajetória jornalística. Após finalizar a faculdade, foi trabalhar em rádio “Meu pai foi um homem de rádio, foi o primeiro narrador esportivo da rádio gaúcha (...) eu comecei na rádio gaúcha, como estagiário, fazendo jornalismo geral, depois fiz política e esporte”.

Tanta experiência traz consigo uma capacidade invejável de comunicação, em 9 meses de canal, atingiu um alcance enorme, entretanto, ele não vive somente de seus vídeos na internet, "eu trabalho na assessoria de imprensa da Secretaria Municipal de Esporte, Lazer e Juventude, o canal hoje bomba, graças a Deus temos um bom número de patrocinadores, mas ainda não dá para viver só dele, porque muita coisa que se investiu, está se pagando". Farid revela também que foi um desafio se adaptar aos novos meios, mas agora se localizou e define as redes sociais da seguinte forma "o Twitter, é o rádio, pela informação curta, rápida e objetiva, Instagram é a revista, o Facebook poderia ser um jornal e o YouTube, a televisão (...). Um jornal, mesmo que deixe de ser impresso, não vai deixar de existir, o rádio é imortal, a TV é imortal, mas as redes sociais também são imortais, não tenha dúvida".

O jornalista e palmeirense Murilo Dias vive uma outra realidade se comparada à de Farid. Mais jovem, começou sua carreira no jornal Lance! "Primeiro entrei como estagiário e depois eu fui deslocado para a equipe de web-TV, então eu cobria os jogos de Palmeiras, Corinthians, São Paulo e Santos, e eu era muito feliz no Lance!", todavia, novas oportunidades surgiram e logo ele começou a unir a paixão ao trabalho "A partir do momento que você começa a ir aos treinos e jogos você começa a ter contato com as TVs dos clubes, eles estavam com oportunidade de estágio aberta na TV Palmeiras, em outubro de 2015 fiz a entrevista e consegui a vaga".

Trabalhar assim tão próximo da equipe do coração, trouxe momentos memoráveis, viajando com a equipe de 2015 a 2018, gravando comemorações e momentos históricos de dentro do campo, Dias explica que é uma experiência única, ainda mais como jornalista, que tem o poder de noticiar coisas boas do time do coração. Como exemplo, ele cita um momento marcante: a final da Copa do Brasil de 2015, em que estava trabalhando, porém, não deixou de torcer: "Assim que o (Fernando) Prass bate o último pênalti e entra, eu saio correndo e invado o campo, então dentro do campo eu olho o Allianz Parque inteiro e percebo que eu estou no gramado e vivendo tudo isso de dentro".

Murilo trabalhou até 2018 na TV Palmeiras e hoje se sustenta através de uma startup chamada Sportudo.br, porém não abandonou sua paixão. "Tudo que eu faço do Palmeiras é mais por amor, mas pretendo continuar fazendo isso pra estar perto do meu time e da minha torcida". Após a quebra do vínculo empregatício, não existe mais contato entre o influenciador e a diretoria do clube da Barra Funda, e ainda guarda amigos daquela época. "Mudou presidente, mudou diretor de futebol, mudou a diretoria de comunicação em si, mas eu deixei lá vários amigos, principalmente da comunicação do Palmeiras".

Thaís Karam, mais conhecida nas redes sociais como "Thaquetá", é torcedora do Athletico Paranaense e acumula cerca de dez mil seguidores em suas redes sociais. Diferente de Farid e Murilo, ela não é formada em Jornalismo, mas sim em

© Reprodução: Arquivo Pessoal/Thaís Karam



Thaís Karam em uma campanha para o Athletico-PR

relações públicas pela PUC-PR e especialista em gestão de eventos. Só começou a trabalhar com conteúdo sobre o Furação em 2019, para o canal TRETIS – onde hoje é sócia –, mas foi em 2020 durante a pandemia que passou a investir mais na área. "Meus eventos pararam, meu volume de trabalho no EBANX diminuiu, as bandas que eu agencio ficaram totalmente paradas. Aí eu fui para internet".

Hoje, a athleticana é torcedora oficial do seu time na Copa do Brasil e participa do "Pia Podcast" com outros torcedores. "Participam influenciadores do Fluminense, do Cruzeiro, do Palmeiras e do Bahia. Sou a única menina que participa e a única do Sul do Brasil". Chegou a trabalhar com o Athletico, quando foi chamada para apresentar os jogos do time na Twitch. "Foi a primeira vez que um clube começou a transmitir jogos por lá. Então demoramos para acertar o formato, os primeiros não foram muito bons, mas os últimos, já estavam melhores e me diverti muito fazendo". A influenciadora participou da transmissão de oito jogos do Brasileirão e teve o privilégio de assistir ao time do coração de perto, enquanto todos estavam em casa por conta da pandemia.

Karam acrescenta que por não ser jornalista, acaba indo mais para o lado do entretenimento: "Muitos já fazem conteúdo técnico de futebol, eu gosto de comentar a perspectiva do torcedor". Entretanto, não foi sempre que a torcedora esteve motivada a continuar o projeto. A exposição e a falta de retorno financeiro foram os principais problemas: "é uma área muito difícil, principalmente sendo uma mulher falando de futebol de uma forma mais descontraída".

Foi quando o público voltou aos estádios que a influenciadora se motivou a continuar. "Quando estámos só na internet, não percebemos a dimensão das coisas. Agora quando saímos para a vida real e vemos as pessoas vindo até você, te reconhecendo no estádio, percebemos o que está acontecendo e isso te motiva".



© Reprodução: Instagram @mmurilodias

Murilo Dias com a faixa comemorativa do Tricampeonato da Libertadores

Vespas bike gang, o pedal das minas

O pedal exclusivo para mulheres vem conquistando espaço na capital paulista

“ No nosso primeiro pedal (2018) tinham seis mulheres e semana passada, 50. ” Nakano



© Letícia Nakano

Por Artur Santos

São Paulo é movida à gasolina e pensada para carros. Ruas mais largas, postos a cada esquina e o apelo à cultura do automobilismo – mesmo com o sonho do carro próprio estando cada vez mais inalcançável – reforçam isso à população. Contudo, ultimamente tem-se visto cada vez mais bicicletas nas ruas; seja pela alta do preço das passagens e do combustível, por lazer ou mesmo por esporte, os pedais vêm ocupando as ruas e avenidas da metrópole.

Um exemplo disso foi a idealização de Letícia Nakano e mais cinco mulheres, as quais tinham o desejo de pedalarem unidas pela capital paulista. O Vespas bike gang, antigo Pedal das Minas, foi então criado. O projeto se trata de um grupo de bicicleta, exclusivo para mulheres, que fazem percursos por São Paulo todas as quartas-feiras (com exceção de dias de chuva).

Giuliette Lemos se tornou membro da equipe durante a pandemia. “Conheci rotas novas com as meninas (...) comecei a me sentir mais à vontade como mulher para pedalar na rua”, afirmou.

Lemos também mencionou sobre o que significa fazer parte do projeto. “O Vespas tem uma presença um pouco diferente: a gente pedala em um grupo mais organizado que realmente ocupa espaço em conjunto fazendo esse papel de mostrar que a rua também pertence a nós.”

A idealizadora do Vespas, Letícia Nakano, completou “Uma sensação maior de autonomia e liberdade. Estar rodeada só por mulheres me trouxe um sentimento muito libertador. O machismo era sempre uma questão que atrapalhava muito o nosso desenvolvimento, nosso bem-estar.”

Para Marina Hion, outra integrante do projeto, foi um fator muito importante

adicionado à sua experiência de andar de bicicleta pela cidade. “Antes, quando pedalava sozinha, ficava limitada aos lugares que já conhecia, ou que tinha ciclovia, onde eu me sentia mais segura”, comentou. Grupos como esse que são exclusivos a certos públicos se tornaram mais comuns dentro do mundo do ciclismo urbano. “A gente consegue encontrar pessoas para fazer essa atividade [andar de bicicleta] em companhia e impor que esses espaços são nossos também”, adiciona Lemos.

Paula Batista, outra ciclista entrevistada que entrou no grupo em 2019, constata: “Um grupo exclusivo de pedal é de extrema importância; o Vespas é para mulheres, então tem toda uma identificação. O pedal com os homens já é outro ritmo e pode ser mais desestimulante do que estimulante. Não adianta o grupo ser diverso, mas não inclusivo.”

Quanto aos desafios enfrentados pelo grupo, Nakano cita a dificuldade de colocar o corpo da mulher na rua, o fato desse não ser respeitado ou mesmo tolerado não só em questão de assédios, mas dentro das competências do próprio ciclismo.

Também comenta do forte poder que o medo tem sobre elas a ponto de desencorajá-las de “pegar a bicicleta, colar no pedal”, reconhecendo como um desafio não só para o início, mas para a continuidade da atividade. “No nosso primeiro pedal (2018) tinham seis mulheres e, semana passada, 50” – afirmou.

Quando questionada sobre o que ainda falta para conquistarem, Letícia responde: “Muita coisa!”. Elas têm a ambição de expandir o grupo, sair de encontros apenas nas quartas-feiras e fazer ações, pedais de final de semana e atividades que façam com que as mulheres continuem pedalando e ocupando as ruas quando quiserem. “A gente sabe o potencial de autonomia que a bicicleta tem nas nossas vidas e a potência que isso tem na vida de uma mulher”, exclamou.

Em dois anos de pandemia, dispositivos contadores de bicicletas registraram um número aproximado de cinco milhões de ciclistas circulando em São Paulo.

Pelas ruas terem sido feitas para carros, a simples presença de um grupo de

bicicletas já é inusitada; agora, quando elas são conduzidas exclusivamente por mulheres, algo mais causa incômodo.

Isso foi publicamente evidenciado no dia 24 de novembro de 2021, quarta-feira, quando um motociclista passava pelo pelotão e espirrou spray de pimenta com o fim de agredir todas ali presentes.

“Estava todo mundo tossindo sem entender por quê e aí alguém falou: ‘gente, era spray de pimenta!’. E ainda não tinha caído a ficha de que alguém tinha tentado machucar a gente” relatou Lemos. O crime foi filmado por uma das ciclistas e permitiu uma grande dispersão do ocorrido e luta na justiça.

Ainda sobre o atentado, Hion, que também estava presente durante o ataque, complementa: “(...) daí eu comecei a tossir, meus olhos coçaram de leve, mas achei que era alguma coisa minha. Quem tinha sido mais afetada estava com o rosto inchado”.

Para Paula Batista, as dificuldades encontradas pelo grupo, tais como a do atentado em novembro do ano passado, fortalecem a luta e acabam deixando o grupo mais unido: “Nós nos entendemos, sabemos como é ser mulher, das dificuldades... Muitas vezes a relação vai pra fora do pedal e, quando você vê, surge uma amizade pra vida toda”, expressou.

Na semana seguinte ao mencionado ataque, o grupo organizou um Pedal Ato e convocou quem pudesse vir (sem exclusividade de gênero). Em quatro dias, mobilizaram cerca de 300 pessoas que, juntas, pedalaram contra o ocorrido. Com tantas bicicletas, foi necessário o bloqueio de ruas e a Avenida Paulista acabou tomada pelo protesto.

Como era de se esperar, o clima não foi tão pacífico: o trânsito da cidade já é violento e essa cultura somada a um enxame em pelotão não levaria a algo diferente. O trajeto tomado começou na Praça do Ciclista e terminou no Vale do Anhangabaú, onde as componentes do grupo discursaram e marcaram liderança.

A grande idealizadora do Vespas bike gang, Letícia Nakano, finaliza estimulando o uso das bicicletas por mulheres.

“Pegar a bicicleta que tem, seja ela compartilhada, seja ela da mãe, do pai; qualquer bicicleta é uma bicicleta” e convida a todas para irem no pedal de quarta. “A gente recebe muita gente iniciante. É só pedalando em grupo que a gente entende como é”.